



CONTOS
&
CASOS



ZM DUARTE



Sumário

Conto 01 - Cambista de passagem

Conto 02 - Rapariga Amiga

Conto 03 - Comemoração Especial – “Salve o Corinthians”

Conto 04 - A pensão do libanês

Conto 05 - O Tombo das Marmitas

Conto 06 - O cocô artificial

Conto 07 - A Viúva do japonês

Conto 08 - Dopamina e Adrenalina, Alianças Perigosas

Conto 09 - Confidências de colegas de trabalho

Conto 10 - Dor de barriga suspeita

Conto 11 - Profissão Tradutora

Conto 12 - Beleza não se põe na mesa

Conto 13 - A Pensão da Portuguesa Dona Cinira

Propósito

Pela nossa vida ouvimos e compartilhamos histórias e contos interessantes; outras chegam a ser melancólicas. O intuito é compartilhar risos e alegria. Divirtam-se e aproveitem os contos e casos; muitas vezes nossas próprias vidas se tornam um palco iluminado carregado de comédias. É importante lembrar que nossas vidas são feitas de escolhas; se plantarmos boas sementes e cuidarmos bem delas, com certeza vamos colher bons frutos.

Conto 01 – Cambista de passagem

São Paulo da garoa, boas recordações de uma cidade romântica e tranquila. Não era raro nossa turma perder o último ônibus cujo trajeto era do bairro do Bosque da Saúde, na zona sul de São Paulo, à Barra Funda, zona oeste; assim, nossa única alternativa era seguir a pé da Praça da República, no centro da cidade, ao nosso bairro. O percurso era festivo; nosso quarteto ou quinteto não tinha instrumentos musicais, mas, mesmo assim, arriscávamos cantar músicas do repertório popular brasileiro.

Era comum encontrar pelo caminho outras pessoas que também perderam o último ônibus. Em clima de festa, uniam-se as turmas, e o ponto de parada para beber a “saideira” era a padaria 24 horas na Praça da Árvore, próxima de nosso bairro. Naquela época era

outra cidade; estádios de futebol eram basicamente o Morumbi e o Pacaembu.

A rodoviária com destino às praias da Baixada Santista ficava na Baixada do Glicério, no centro da cidade.

É bom lembrar que viajar para as praias da Baixada Santista era considerado chique. Alugar um apartamento para fins de semana prolongados, carnaval e fim de ano era programa para poucos. Além disso, as opções de ônibus eram escassas; as poucas companhias não conseguiam atender à grande demanda para as praias de Santos, Guarujá, São Vicente, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe e outras cidades. Vale lembrar que naquela época não existia o nosso conhecido transporte clandestino.

Confesso que, nesta trama, eu participei. Eu trabalhava na Praça da Liberdade, bem

próximo do terminal do Glicério, e Donizete, meu parceiro e sócio, trabalhava como camelô na Praça João Mendes, próximo de meu trabalho. Sua barraca, ou melhor, “seu comércio”, como gostava de falar, era bem suprida de brinquedos, relógios, bolsas femininas, produtos de maquiagem, cutelarias, óculos de sol etc., e seu irmão mais velho, seu sócio, viajava periodicamente para o Paraguai para fazer compras e garimpar novidades.

Nosso negócio extra consistia em revender passagens de ônibus para a Baixada Santista em datas promissoras. Para o sucesso de nosso negócio e para atender à demanda de nossos clientes, tínhamos que manter nossas “prateleiras” recheadas de opções. Assim, de 10 a 20 dias antes da tão esperada data, comprávamos quantidades variadas de passagens para toda a Baixada Santista,

também de acordo com a demanda, que geralmente era para a Praia Grande. Os preços praticados variavam de acordo com a procura e os horários.

Nos dias das transações, eu saía do trabalho mais cedo, autorizado pelo meu chefe, que tinha conhecimento do negócio extra. Sabia que o ganho adicional era para ajudar minha família no aluguel e na alimentação. Afinal de contas, minha família dependia financeiramente do trabalho de meu pai, do meu e do dinheirinho suado das costuras de minha mãe, e era só; minhas outras seis irmãs eram pequenas. Por tudo isso, meu chefe era compreensivo com a minha atividade paralela.

Mas o negócio não era tão fácil assim. Por vezes, éramos chamados de ladrões e tínhamos de sair às pressas, fugindo de pessoas para não apanhar e até mesmo da polícia. Era raro acontecer, mas, quando

acontecia, mantínhamos a cautela e a distância por certo tempo, até a poeira baixar, para depois retornar ao local de venda.

Cautela e alerta: geralmente nossas operações se encerravam próximo da meia-noite, horário de saída dos últimos ônibus.

Em uma bela noite de forte calor que antecedia um final de semana prolongado, eu quase vi a viola em cacos e a possibilidade de ser um novo interno da entidade Febem - Fundação para o Bem-Estar do Menor. Naquela época, ser encarcerado na Febem como "interno" era o fundo do poço para a sociedade e vergonha para a família. O fato ocorreu por causa de um maldito filho de Deus de terno e gravata, com uma Bíblia debaixo do braço, acompanhado de uma senhora com vestido preto e longo. O relógio marcava pouco para as 23h00, e eles pretendiam ir para São Vicente.

Eu ainda tinha duas passagens para Mongaguá, cujo ônibus passava por São Vicente. O cliente tinha conhecimento disso; estava tudo acertado até eu falar o preço da passagem.

“O homem virou o diabo em pessoa, dizia em alta voz: isso não é possível, você está me roubando, e isto não é permitido por Deus.”

Curiosos se aglomeravam em volta de nós. Várias pessoas manifestaram interesse em comprá-las pelo preço solicitado, mas não deu tempo; policiais dispersaram os curiosos e interrogaram o motivo da intriga.

“O distinto senhor disse: ‘Este moleque quer me roubar’ e relatou os fatos aos policiais.” O sargento disse: “O rapaz é menor de idade e, neste caso, todos serão encaminhados para o Juizado de Menores.” Na época, eu tinha quinze anos de idade. Os policiais nos

conduziram até a recepção do gabinete do Exmo. juiz.

Não demorou muito, e fomos chamados. O policial sargento entregou ao juiz minha carteira de trabalho e ouviu do policial o motivo da interpelação.

“O simpático juiz disse: ‘A estas horas, senhores, sugiro entrar em um acordo. O rapaz é um trabalhador idôneo, não se trata de um meliante. O que acham?’”

“O juiz me disse calmamente: ‘Seu patrão é meu patrício. Você sabe o nome dele completo?’”

“Sei, sim, senhor. Seu nome é Joaquim Monteiro, ‘O Comendador’.”

“Muito bem, é isso mesmo. E você é descendente de portugueses? Seu nome o condena, ora pois, Duarte Pereira.”

Mesmo não sendo filho de portugueses, eu disse que sim. Após esse rápido diálogo, o juiz passou a me tratar de forma diferente.

“Saiba, meu patrício, que revender passagens é proibido, ainda mais praticando esses preços abusivos. O que tens a dizer?”

A turma da empresa ia viajar, senhor; no entanto, mudaram de ideia em cima da hora. Assim, viemos aqui para salvar nosso dinheiro, compensar nosso trabalho e reembolsar as despesas com transporte.

Eu menti de novo. Por sorte, os policiais não me revistaram; naquela época se pagava muito com cheque, e, no meu caso, até com cheque pré-datado. O bolso interno da minha jaqueta jeans estava recheado de cheques e dinheiro.

“Entendido”, disse o Dr. Maciel, até hoje não esqueço seu nome. “Vamos resolver rápido a

questão. O senhor está disposto a pagar um pouco mais pelas passagens para ressarcir os custos e outras despesas com transporte?”

“O muquirana ajeitou a gravata, tossiu e disse que sim.”

“Então se acertem lá fora, pois eu estou cansado e preciso ir para casa. Obrigado.”

Eu me despedi do Dr. Maciel e lhe agradei pela cordialidade no atendimento.

Faltavam 15 minutos para os últimos ônibus saírem. Os policiais foram embora, e o senhor da Bíblia se aproximou de mim e disse:

“Estou disposto a pagar um pouco mais pelas passagens, garoto português. Dê-me as passagens, pois os últimos ônibus estão para sair.”

Uma forte chuva começou a cair. Eu me aproximei do filho de Deus e lhe disse: agora o

senhor pode pagar dez vezes mais que, para o senhor, eu não vendo mais, seu bruxo.

O homem ficou doido, em alta voz dizia: “Desgraçado, você prometeu perante o juiz que me venderia as passagens. Polícia, polícia.”

Eu e Donizete saímos correndo para o outro lado da rodoviária. Vendemos as passagens por um preço menor e apressamos o passo até a Praça da Liberdade. Paramos na lanchonete para comer alguns salgados e beber cerveja.

O relógio marcava quase uma hora da manhã; era hora de ir para casa. Deixamos as contas para fechar no dia seguinte. Donizete morava na zona norte, no bairro Santana. Como chovia bastante, resolvemos ir de táxi; o dinheiro e os cheques ficaram comigo.

Boas lembranças daquele tempo.

Conto 02 – Rapariga Amiga

Minhas andanças pela cidade, seja durante o dia ou à noite, me traziam boas amizades especiais.

Em uma tarde chuvosa de sexta-feira, fui entregar alguns documentos da empresa a uma cliente na Rua Barão de Limeira e fui dispensado pelo meu chefe após a entrega. A chuva era constante; então resolvi me ancorar em um pequeno boteco na Rua Aurora, conhecida pelos seus redutos de prostituição. Ali conheci o dono do bar, Severino, muito simpático e bom de papo, baiano, calmo e dono de uma espessa barba grisalha. Seu sobrinho Aloísio trabalhava com ele, rapaz dedicado e muito tímido, talvez por causa de sua gagueira.

Severino primava pelos pratos nordestinos: vatapá, acarajé, moqueca de peixe, caldo de mocotó, torresmo, costela de boi com

mandioca, dobradinha, feijoada e galinhada. Para ajudar no sabor, pimenta-malagueta e farinha de mandioca à vontade e, para abrir o apetite, cachaça de diversos tipos, tudo “importado” da Bahia, como dizia Severino.

O boteco era instalado embaixo de um pequeno prédio de seis andares, com quatro apartamentos grandes por andar, onde as mulheres se prostituíam, e o boteco era ponto dos homens à procura de mulheres da noite para chorar suas mágoas, beber seus drinques e cair na ilusão de que a troca de moedas por certa quantidade de amor fosse resolver suas carências.

Ali, os homens sempre encontravam um ombro amigo de mulheres dispostas a ouvir suas desilusões amorosas e problemas sentimentais mal resolvidos. Após os drinques e terminada a terapia amorosa, restava-lhes pagar a conta do boteco e ir embora ou, caso

desejassem, dar sequência aos prazeres da carne.

Amizade consumada com Severino, comprometi-me a voltar outras vezes para falar da contabilidade do bar e do seu imposto de renda; para não esquecer, anotei em minha agenda.

Em uma tarde fria e de garoa constante, era o dia em que me comprometi a visitar Severino para falar da situação fiscal do bar e recolher seus documentos para fazer o seu imposto de renda.

Severino me recebeu com alegria e logo me serviu sua cachaça preferida, a Pitú. Após falar dos contextos da vida, recolhi os documentos para fazer o seu imposto de renda e coloquei todos os papéis do bar em uma caixa para fazer uma análise mais detalhada no escritório. Compromissos cumpridos, Severino me serviu mais uma para amenizar o frio.

Eu não havia percebido a presença de uma moça nos fundos do bar, bebendo tranquilamente sua cerveja. Educadamente, Severino me apresentou a moça: morena, jovem e bonita.

“Ângela, este é o Zema, meu amigo e gente da melhor qualidade.”

“Sorrindo, ela diz: Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Zema. Meu nome é Ângela.”

Ela me beijou no rosto vagarosamente.

Depois me convidou para fazer-lhe companhia à mesa.

Aceitei o convite, e passamos a conversar sobre assuntos variados.

A primeira impressão que tive foi de uma garota tranquila, sorridente, corpo bonito, cabelos e olhos castanhos; no rosto, o charme de várias sardas, principalmente no nariz. Falei

um pouco da minha vida e procurei salientar as coisas boas.

Severino nos serviu mais uma cerveja e outra Pitú. Para contemplar nossa amizade, fizemos um brinde e sorrimos. Seu sorriso é bonito, embora, atrás daquele rosto, pareça esconder carências afetivas.

Fale um pouco de você, Ângela.

“Bem, eu vim de Governador Valadares, Minas Gerais. Casei-me e tive uma filha. Morava na roça e trabalhava na casa sede da fazenda. A bebida e o ciúme doentio transformavam meu marido em um monstro. Deixei minha filha com minha mãe e fugi para Uberlândia. Como eu não conseguia trabalho, aos poucos fui me prostituindo. Lá encontrei outro homem agressivo; desta vez não esperei para sofrer. Vim com uma amiga para São Paulo, cheguei recentemente, não faz duas semanas. Quando você chegou, eu estava pensando em minha

mãe e minha filha. Preciso mandar dinheiro para elas; devem estar passando necessidade. Pelo jeito, vou ter que trabalhar muito para sobrar algum dinheiro; as estadias cobradas pelos cafetões aqui são muito elevadas, e acaba não sobrando quase nada.”

Quando concluiu, ela baixou a cabeça e chorou.

Gostei do seu jeito; embora seu rosto demonstre melancolia e carências, seus relatos me comoveram.

“Ângela consultou seu relógio e disse: são quase 18h00, preciso começar a trabalhar.”

Vamos beber mais uma cerveja; depois eu vou subir com você para continuar nossa conversa.

“Ela sorriu e disse: tudo bem.”

Severino percebeu que nossa conversa praticamente estava no fim e nos abordou: “Ângela gosta de acarajé.”

Eu sorri e disse: então vamos levar uma porção no marmitex; mais tarde ela come, risos.

“É pra já”, disse Severino.

Bebi mais uma, peguei alguns bombons, paguei a conta e acenei para Severino, dizendo: volto daqui a pouco, meu amigo.

Subimos as escadarias até o segundo andar. Pelos corredores, algumas moças aguardavam clientes, fumando cigarros.

“Algumas delas disseram: a mineirinha é ligeira; desceu neste instante e trouxe um homem fisgado, risos.”

Ângela me deixou em um quarto e foi até a cozinha guardar o seu acarajé na geladeira. Após alguns minutos, ela retornou, me

abraçou e foi ao banheiro escovar seus bonitos dentes. Como estava frio, ela jogou sobre a cama um cobertor e se pôs a despir-se. Eu a interrompi, abracei-a, beijei-a e lhe disse: eu não vim fazer sexo; vim para lhe fazer carinho e conversar. Deitamo-nos e nos abraçamos, olhos nos olhos, beijos lentos, carinhosos e sublimes. Entrelaçamos nossos pés; simplesmente ouvimos nossos corações pulsarem; praticamente não houve diálogo.

“Passado algum tempo, ela me disse baixinho ao ouvido: que pena, infelizmente precisamos interromper este momento tão maravilhoso e gostoso.”

“Ela me beijou com carinho, lentamente, e eu lhe disse, sorrindo: este beijo valeu mais que sexo, risos.”

“Ela sorriu e disse: quando fizermos sexo, vou surpreender você.”

Que ótimo, Ihe disse; espero que seja breve, risos.

Paguei o programa em dinheiro e fiz um cheque de uma quantia razoável para ela enviar à sua mãe.

“Ângela chorou novamente e disse: não sei como te agradecer, homem; espero ter você em minha vida por muito tempo.”

Esteja bem, querida; em breve nos veremos.

“Com lágrimas nos olhos, ela disse: espero você.”

Desci as escadarias e fui me despedir de Severino. O relógio de parede marcava 20h15; a garoa persistia, e o frio aumentava. Antes de ir, tomei mais um trago.

“Severino sorriu e disse: demorou, caboclo; pelo jeito se lambuzou todo, risos.”

Tenho que ir, meu amigo. Juntei os papéis em uma sacolinha de plástico e me despedi do amigo Severino. Até a semana, abraço e obrigado.

Na semana seguinte, faltei à faculdade e fui levar o imposto de renda do ano e os atrasados de Severino e, para não perder a viagem, ver minha amiga Ângela. Severino abraçou-me e me serviu uma dose caprichada da saborosa Pitú e uma fatia de chouriço.

“Uma pergunta, Zema: o que você fez para a Ângela que ela ficou encantada com você?”

Eu sorri e disse: isso é segredo, meu amigo.

Conversei um pouco com Severino e fiz um pedido de acarajé para Ângela, duas cervejas, torresmos, doces e chocolates. Meu amigo me emprestou uma capanga, e eu subi as escadarias. Ao passar pelo corredor, Ângela me viu; ela estava na cozinha da sua moradia.

Com alegria estampada no rosto, ela soltou a voz: “Meu homem chegou”, abraçou-me com toda sua força, beijou-me ardentemente; com carinho, puxava-me e dizia: “vamos para o meu quarto.”

Calma, querida; hoje merecemos um programa com horário duplo, risos.

“Sim, sim, ela respondeu.”

Entramos no quarto, e ela abriu uma cerveja; brindamos com muitos beijos.

Está tudo bem com você e sua família?

“Sim, está tudo bem; o dinheiro chegou, ficaram muito felizes.”

Após o brinde, deitamo-nos; foram momentos carinhosos entre nós. Eu me senti leve e preenchido pelos seus carinhos.

“Você foi o máximo”, disse ela; “nossos momentos foram maravilhosos; tive aquele prazer duradouro em vários momentos.”

Ela me abraçou, beijou-me carinhosamente e disse: “Você aceita ser meu homem, tipo amizade colorida? Quem sabe não se transforma em um amor verdadeiro?”

Ela me abraçou novamente, beijou-me lentamente e disse: “fique tranquilo, isto é só uma brincadeira; é gostoso. Pelo menos eu tenho com quem contar nesta grande cidade, passear quando possível; afinal de contas, eu não conheço nada por aqui, só o bar do Severino e metade do quarteirão, risos.”

Eu disse: sim, eu aceito.

Ela sorriu com alegria: “obrigado, amigão”.

Delicadamente me beijou com carinho; tomamos aquele banho quentinho, bebemos cerveja e comemos torresmo. Ângela me

acompanhou até o pé da escada; não havia circulação de homens; as garotas conversavam e fumavam no corredor.

Ela disse: “já estou com saudade; não demore para voltar.” Ela me abraçou forte; em seguida, beijou-me. “Tchau, meu querido amado.”

Tchau, Ângela; domingo eu venho lhe fazer uma surpresa; me aguarde, beijos.

“Estou te esperando, querido. Tchau.”

O relógio marcava 22h40, e eu não queria perder o último ônibus. Despedi-me de Severino e segui para a Praça da República.

Chegou domingo; o dia estava bonito, e o relógio marcava 11h00 quando cheguei ao boteco de Severino. Ele não estava; foi ao mercado comprar verduras e legumes. Enquanto isso, Aloísio estava concluindo a faxina de sábado.

Para animar o dia, pedi uma daquelas boas e um bolinho de carne que Aloísio tinha acabado de fritar; o cheiro estava muito apetitoso. Após o aperitivo, acendi um cigarro e me sentei em um tamborete na calçada e fiquei observando o movimento da pacata rua na manhã de domingo. Minha intenção era chamar por Ângela, mas a porta do prédio estava trancada e não tinha campainha. Pedi mais uma da boa, e Severino chegou com seu carrinho e sacolas cheias de legumes e verduras.

Severino me cumprimentou sorridente: “bom dia, Sr. Zema; chegou cedo, meu amigo.”

Eu me comprometi com Ângela em dar um passeio pela cidade com ela.

“Bem, promessa é dívida, e mulher não gosta de homem que não cumpre aquilo que promete.”

Perguntei-lhe como posso chamar Ângela.

“Bem, amigo, a porta do prédio já deveria estar aberta; vamos aguardar mais um pouco. Caso não abra, vou chamar pela zeladora; a Sra. Judite mora no primeiro andar e sua janela é logo acima do bar.”

Não passaram dez minutos, e a porta se abriu. A Sra. Judite me autorizou a subir e chamar por Ângela no apartamento 22. Rapidamente eu subi as escadas; os corredores estavam bem limpos. Apertei a campainha por três vezes, até que uma moça gordinha, com cara de sono, me atendeu e educadamente disse que iria chamar por Ângela.

Ângela apareceu na porta com um sorriso largo e bonito, também com cara de sono. Vestia uma camisola branca e estava descalça. Ela me abraçou, beijou-me e disse:

“Apareceu meu amor, meu homem e meu amigo. Vou me trocar; não demoro. Você me aguarda lá embaixo?”

Sim, eu aguardo. Enquanto isso, eu e Severino bebemos uma da boa, acendemos um cigarro e ficamos apreciando o movimento da manhã dominical.

Ângela chegou toda sorridente, com uma maquiagem simples, batom laranja claro, cabelo com duas trancinhas, vestindo um macacão jeans de pernas curtas e calçando um tênis cor-de-rosa e meias vermelhas; nos ombros, uma bolsa pequena de couro de muito bom gosto.

“Severino elogiou: gostei do traje, Ângela. E você, Dom Aloísio, o que achou?”

“Aloísio ficou vermelho como um pimentão e disse: Mu...mu... mui... muito Bo... bo... bonita, go... go... gos... gostei.”

“Obrigado, senhores, pelos elogios”, disse Ângela.

“Aloísio, eu quero seis caixinhas de chicletes Adams.”

Enquanto Aloísio atendia Ângela, Severino disse: “Parece que esta moça não é da vida, Zema; passa despercebida em qualquer lugar, concorda?”

Sem dúvida, meu amigo; coisas da vida.

Severino, até mais tarde.

“Bom passeio, Zema.”

Seguimos de mãos dadas; o tempo colaborou, sol entre nuvens, sem garoa e sem frio.

Começamos o passeio pela Praça da República, depois pela Praça do Jardim da Luz. Lá comemos pipoca, algodão-doce e picolé; foi divertido.

“Ela disse emocionada: eu estou encantada com o passeio; me parece um sonho.”

Não é um sonho, você merece este presente, sua bobinha.

“Foi sentada em um banco da Praça da República que Ângela abriu seu coração. Disse ter 23 anos, uma filha de seis anos chamada Maísa; sua mãe tem 40 anos e seu pai 45 anos, ambos trabalham em uma fazenda vizinha.”

“Meu pai tem algumas vaquinhas, do leite ele produz queijos para vender na cidade. Tem cavalos, porcos, cabras e galinhas. A grande dificuldade da região é a falta de água; a região sempre é castigada por longos períodos sem chuva.”

“Outro grande obstáculo em minha vida foi a gravidez precoce, ainda solteira, aos 16 anos de idade. Para complicar a situação, meu pai me expulsou de casa. Estudei até os 18 anos e não concluí o colegial.”

Trocamos carinhos e beijos; em seguida, caminhamos tranquilamente até a Praça da Sé, onde comemos um x-salada e fomos conhecer a Catedral da Sé, onde fizemos orações.

Caminhamos mais um pouco e fomos até o bairro japonês, na Praça da Liberdade, onde comemos alguns docinhos nipônicos.

Com as pernas doloridas, resolvemos voltar para casa. No caminho, disse-lhe que sua vida iria mudar; bastava ter fé em Deus e firmeza nos propósitos.

No boteco do Severino, sentaram-se na mesa dos fundos, beberam alguns drinques e, na troca de carinhos, os ânimos se acirraram e resolveram ficar juntos no apartamento nº 22 do segundo andar. Amaram-se com imenso desejo; seus corpos se uniram e não havia vontade de separá-los.

“Na semana que vem tem mais passeio?”

Haverá outros passeios, querida; não posso prometer o dia certo. Pode ser que apareça algum imprevisto; você me entende, querida?

Entre beijos e olhares carinhosos, despediram-se.

Abraço, Severino e obrigado.

Em outros finais de semana tiveram outros passeios maravilhosos: zoológico, Jardim Botânico, Av. Paulista, praias e estádios.

Ângela era uma mulher maravilhosa, e eu queria tirá-la daquela vida, mesmo que a gente não continuasse juntos, pelo simples fato de ela merecer uma vida melhor.

Foi no bairro do Brás que Ângela visualizou uma loja atacadista de produtos de beleza — maquiagem, esmaltes, tinturas de cabelo, cremes para o corpo etc. Aquele passeio

começou a mudar a vida de Ângela; veio-lhe a ideia de revender aqueles produtos de beleza. Naquele mesmo dia compramos alguns produtos e até uma bolsa especial de transporte e venda; em uma papelaria compramos um caderno e etiquetas para marcar os valores de custo e preço de venda; em um camelô compramos uma calculadora simples, a pilha, para facilitar os cálculos. Suas principais clientes seriam suas colegas de “trabalho”, e o bar do Severino poderia ser um ponto de venda, por que não?

Ângela estava feliz. Após as compras, o casal sentou-se em uma lanchonete no Largo da Concórdia para comer um lanche; pediram refrigerante. Eu continuava as minhas explicações de todos os procedimentos, inclusive para as vendas parceladas com cheque pré-datado e os cuidados necessários nas vendas na modalidade “fiado”.

“No meu caderno vou marcar todos os valores que você investiu no meu negócio; faço questão de reembolsar todos os valores.”

Nas manhãs de domingo, a mesa de canto do boteco de Severino passou a ser nosso escritório. Ângela é inteligente, e as vendas estavam indo muito bem; somente um fator precisava ser corrigido: as vendas no fiado. Ela andou vendendo a prazo para pessoas desconhecidas e estava com dificuldade para receber, mas isso foi corrigido, e ela aprendeu a lidar com essa questão, como, por exemplo, o cliente pagar a metade à vista e o saldo com cheque pré-datado.

Em uma segunda-feira, na hora do meu almoço, marcamos encontro em frente à Igreja da Sé e fomos ao Banco do Brasil, na mesma agência onde eu tinha conta pela empresa e já conhecia o gerente de contas de pessoa física. Lá fizemos a abertura de sua conta bancária.

Ângela ficou muito feliz quando chegou seu primeiro talão de cheques; no cadastro informamos o endereço do boteco de Severino. De felicidade, Ângela pagou até uma cerveja para nós, tamanha a sua alegria. Eu lhe dei todas as explicações de como controlar os cheques pré-datados passados para os lojistas e jamais deixar cheque voltar por falta de fundos.

Ao retirar os cheques devolvidos de clientes no banco, ligar imediatamente comunicando a ocorrência e negociando o pagamento.

Em um domingo combinamos de sair somente para nos divertir e fazer amor em um lugar diferente. Marcamos às 10h00. Ao chegar, encontrei Severino sentado no tamborete na calçada, fumando seu cigarro. Bom dia, Sr. Severino, tudo bem, meu amigo?

“Eu estou bem, Sr. Zema, graças a Deus! Na correria de sempre; boteco dá muito trabalho,

risos, muito trabalho e pouco dinheiro, mas está bom, não posso reclamar.”

“Preciso arrumar alguém de confiança para me ajudar à noite, pelo menos na cozinha e para lavar louças! No balcão e no caixa eu tenho que ficar, fechar as contas, ficar de olho para ver se ninguém sai sem pagar e falar os preços das porções e salgados.”

“Aloísio é rápido para servir e bom de contas, mas tem dificuldade de se comunicar por causa da sua gagueira. Se você souber alguém de confiança, que você assine embaixo, peça para falar comigo; tenho certa urgência, o carnaval está chegando e aí o bicho pega.”

Vou me comunicar com algumas pessoas, meu amigo, e lhe falo o mais breve possível.

Ângela chegou, abraçou-me e beijou-me. “Bom dia, meu querido; saudade, meu homem.”

“Ela cumprimenta Severino: bom dia, meu amigo, tudo bem?”

“Comigo tudo certo. Vai passear?”

“Sim, vou me distrair um pouco e fazer compras; meu estoque está baixo”, disse Ângela.

Ângela pediu um café; eu optei pela boa.

Severino, até mais tarde!

Ângela aprendeu como chegar ao Brás; expliquei-lhe os cuidados necessários com mochilas, bolsas e carteiras; se forem duas mochilas ou mais, é melhor tomar um táxi.

Fizemos vários cadastros nas lojas para as compras com cheque pré-datado.

O volume de compras exigiu mais uma mochila; assim, compramos outra e deixamos as mochilas nas lojas para retirar após o almoço.

Almoçamos macarronada; Ângela gostou do prato. O macarrão estava soltinho, com bastante queijo ralado, e o frango estava bem macio e temperado. De sobremesa pedimos pudim gelado.

Em frente à lanchonete, do outro lado da rua, tinha um hotel aparentemente bem arrumadinho; fomos para lá. Foi uma boa opção, tudo bem asseado, cama grande de casal, banheiro grande e com ar-condicionado. Tomamos um banho leve, abraçamo-nos, e o silêncio dominou o ambiente; longos beijos interrompiam nosso cochilo preguiçoso.

Senti que Ângela esperava uma atitude; acelerei meus atos e não deixei espaço para suas ações; distribuí meus carinhos, estava tudo dominado, inclusive eu. Corpos colados, dividimos nossas emoções. Sem vontade nenhuma, tive que interromper nossas ações;

precisávamos colocar as mercadorias na nossa prateleira, e as lojas fechavam às 19h00.

Retiramos as mercadorias e tomamos um táxi até o boteco do Severino.

“Ângela disse: hoje podemos beber e conversar à vontade; esqueci, hoje é meu dia livre.”

Que ótimo; alojamo-nos no canto do fundo do bar, pedimos uma cerveja e uma da boa para comemorar. Por ser uma quantidade grande, conversei com Severino para guardar as mercadorias no quartinho de despejo; ele autorizou com satisfação.

Ângela, minha querida, deixar você neste lugar me dói o coração. Tenho procurado algumas alternativas de trabalho para você; uma foi esta de vender produtos de beleza, mas somente esta não é o suficiente. Outra seria levar roupas para vender em sua cidade de

Minas Gerais. Não sei se você percebeu a quantidade de lojas atacadistas de roupas que há no Brás e no Bom Retiro: roupas para idosos, adultos, homens e mulheres, adolescentes e crianças. O que você acha da ideia?

“Muito boa ideia, querido; eu até havia pensado nisso para minha prima Isabel. Ela é cabeleireira e trabalha em sua casa, e a gente se entende muito bem.”

Vocês podem ser sócias nas roupas e nos produtos de beleza; acredito que tem tudo para dar certo. Deus está do nosso lado.

Até os negócios de roupas e produtos de beleza ganharem força e serem suficientes para você sobreviver, eu pensei em outra forma de rendimento para você: arrumar um trabalho fora e largar esta vida cruel que você leva. O que acha?

“Mas o que eu vou fazer, meu amor e amigo Zema? Mal, mal eu sei cozinhar, lavar roupas na pedra e fazer faxina!”

Mas isso é o suficiente, minha querida. Deus está encaminhando tudo para você. Veja bem: um minuto só. Aloísio interrompe para servir mais uma cerveja e uma da boa. Continuando, Ângela, Severino me pediu para arrumar uma pessoa de confiança para trabalhar com ele; os serviços principais são na cozinha, lavar louças e faxina. Acredito que você tem conhecimento suficiente para executar esses serviços. Para dormir, a gente ajeita a despensa do bar; a princípio ele pode lhe pagar o salário mínimo. Paralelamente, você pode vender os produtos de beleza. Veja que você vai receber o salário cheio, não vai pagar aluguel e também não vai gastar com alimentação. Assim, você pode ajudar muito mais sua mãe e sua filhinha, e ainda vai sobrar dinheiro para investir nas

roupas. Independente desse trabalho, eu ajudo você e sua prima Isabel nas compras de roupas e dos produtos de beleza; acredito que sua prima vai aprender rapidinho.

Pense bem, Ângela; seu cotidiano atual é um inferno e não é trabalho para uma mulher digna. A estadia do apartamento e a participação do cafetão são muito caras; vai ser muito difícil sobrar dinheiro para ajudar sua família. Trabalhando aqui por no mínimo 12 meses e dando andamento nos outros projetos, sua vida vai melhorar muito. O que acha?

“Ângela se pôs a chorar: você é um anjo que apareceu em minha vida; eu aceito agora e, se preciso for, eu começo a trabalhar agora.”

No mesmo momento, eu conversei com Severino.

Ele me deu um forte abraço e disse: “Fechado. Amanhã mesmo vou comprar uma cama de solteiro, nem que seja usada, um colchão, lençóis, travesseiro e cobertor. O chuveiro é novo; somente é preciso fazer uma faxina geral. As caixas de cerveja que lá estão vou levar para o depósito dos fundos; vou aproveitar e fazer também uma limpeza geral no depósito.”

Chamei Ângela e lhe falei da nova realidade de sua vida; ela chorou e agradeceu a Severino pela oportunidade.

Eu também abracei Severino pela ajuda. Parabéns para todos nós; Deus está abençoando todos nós. Fico feliz, Severino; obrigado, meu irmão.

“Graças ao bom Deus, a você e ao Sr. Severino, de hoje em diante eu não me prostituo mais”, disse Ângela com os olhos transbordando em lágrimas.

Naquele mesmo dia, Ângela comunicou um tal de Mateus e a Sra. Judite que não trabalharia mais na casa. Sugeri que Ângela pernoitasse em um hotel familiar próximo; nós dois juntamos seus poucos pertences e fomos ajeitar sua mala.

Despedimo-nos, e pedi que ela me ligasse no dia seguinte para saber o andamento das coisas.

No dia seguinte, Ângela me ligou; passou o dia arrumando seu dormitório e o depósito de bebidas. No final da tarde tomou um banho e foi trabalhar na cozinha, mesmo Severino tendo sugerido que fosse descansar.

Meu espírito ficou feliz em poder ajudar uma mulher de fibra. Deus lhe abriu as portas; agora dependia somente dela completar as bênçãos.

Com o passar dos dias, Ângela demonstrou ser uma mulher de fibra, trabalhadeira e correta. Severino está muito satisfeito com seu trabalho.

Nas horas vagas, Ângela tem feito seus negócios com os produtos de beleza e movimentado adequadamente sua conta bancária.

A parceria com sua prima Isabel estava bem encaminhada; as compras eram despachadas no ônibus, e Isabel retirava na rodoviária em sua cidade. Elas até estavam com intenção de alugar um ponto comercial no centro da cidade. Nosso romance amigo continuou; seu passeio predileto era ir para a praia. Sempre que possível, eu alugava uma quitinete de um conhecido e levava Ângela para se divertir. Com a minha promoção na empresa, nem sempre era possível a gente se ver; melhorou minha vida quando fui trabalhar dois dias por

semana na filial de Santos; no entanto, a gente se falava todos os dias por telefone.

Ângela construiu boa amizade com Severino; seu trabalho no boteco já faz seis meses. Ela continua vendendo os produtos de beleza, atividade que lhe rende bom retorno financeiro. A cada 15 dias a gente se encontra com Isabel para fazer compras no Brás e no Bom Retiro; os momentos são divertidos. À noite, Isabel voltava para sua cidade. Seguindo minhas orientações, elas abriram uma microempresa no centro da cidade; a inauguração da loja teve até festa, bênção do padre e baile na calçada. Isabel nos trouxe as fotografias; fiquei muito feliz pelo sucesso delas. Eu e Ângela comemoramos aqui em São Paulo com champanhe e muito amor.

Tudo caminhava bem, embora a presença física de Ângela na loja começasse a ser indispensável e necessária, porque ela

ampliou o leque de produtos; além de roupas e produtos de beleza, incluiu bijuterias, óculos esportivos, brinquedos e cutelaria.

Severino me ligou dizendo que precisava conversar comigo pessoalmente, ao lado de Ângela. Marcamos para um sábado à tarde; a recepção foi alegre e acompanhada de cerveja e algumas doses da boa, até que chegou o momento em que Severino disse: agora vamos falar sério. Eu vendi o bar; preciso ir para a Bahia cuidar de meus pais. Ângela sempre cumpriu muito bem suas obrigações, mas o próximo proprietário já tem o seu pessoal de confiança; assim sendo, vamos terminar o contrato de trabalho de Ângela. Vou efetuar o pagamento de todos os seus direitos e, se for necessário, posso fazer sua indicação a meus amigos para um novo trabalho.

Ângela falou de sua loja em Minas Gerais e que o dinheiro da rescisão seria investido no

estoque e que sua saída é um bom momento, porque a loja está precisando de sua presença. Na despedida de Severino, Ângela chorou e lhe agradeceu muito pela oportunidade em um momento difícil de sua vida.

Ângela passou mais uma semana em São Paulo, fez algumas compras, recebeu seu dinheiro e viajou para sua cidade natal.

Praticamente toda semana ela ligava e, quando vem a São Paulo, sempre passamos a noite juntos. O tempo passou; para facilitar os trâmites de documentos e procedimentos junto aos órgãos públicos, sugeri que Ângela passasse a contabilidade para um escritório da cidade, e assim foi feito.

Após certo tempo sem nos falar, ela me disse que conheceu uma pessoa muito legal e me perguntou se eu ficaria chateado caso ela começasse a namorar.

Eu lhe disse que gostaria que ela fosse feliz; assim eu também ficaria feliz.

Em outra ligação, ela me disse: você sempre será o meu homem amigo da minha vida.

Percebi que ela estava com receio e vergonha de me falar que conheceu outro homem; então resolvi ajudá-la. Disse-lhe que ela precisava de outro homem, que fosse de bom caráter, honesto, trabalhador e carinhoso. Conte também que estava namorando uma moça legal.

Em outra ligação conversamos bastante, e eu lhe perguntei sobre o namorado; ela me confessou que estava paquerando um rapaz da cidade.

Após certo tempo, ela me disse que estava namorando; mas, independentemente de qualquer coisa, eu seria sempre seu homem amigo.

Após certo tempo, ela me ligou novamente para saber como eu estava, mandou-me beijos e disse que, quando viesse para São Paulo, me ligaria.

Após dois meses, ela me ligou novamente e disse estar noiva e com casamento marcado.

“Na última ligação disse-me: Zema, você é o anjo da minha vida; aconteceu tudo aquilo que você previa. Obrigado por tudo. Beijos. Deus te proteja.”

Conto 03 - Comemoração especial – Salve o Corinthians

Arlindo e Afonso, mais conhecidos por Moreira e Madureira, ganhavam a vida fazendo carretos, mudanças, entulhos, times de futebol e todo tipo de transporte que coubesse na caminhonete Chevrolet com carroceria aberta e arcos de aço para cobertura de lona em dias de chuva. Em dia de clássicos no futebol dos grandes clubes de São Paulo, era dia para os irmãos venderem camisas, bandeiras, bonés, chaveiros, flâmulas e foguetes; estes ficavam escondidos por ser proibida sua venda em vias públicas. A carroceria ficava toda enfeitada de bandeiras e camisas dos clubes; era dia de festa e alegria.

O destino era o Morumbi ou o Pacaembu; os locais para estacionar eram estratégicos, mas tinha que sair cedo. Na maioria das vezes seguia junto o fiel ajudante Zeca Filé; esse

escudeiro seguia na carroceria protegendo as mercadorias.

Ao chegar ao ponto de venda, abria-se a tampa traseira para se fazer de balcão. A ordem era fazer barulho. No balcão de Moreira vendia-se também cerveja em copos descartáveis, cachaça, vinho e bolinhos de carne apimentados. A turma do bairro os chamava de Trio do Barulho; quando bebiam algumas a mais, a cantoria era certa, viola na mão e alegria no ambiente.

Em 1977, o jogo da decisão do Campeonato Paulista foi no Morumbi: Corinthians versus Ponte Preta de Campinas. O Corinthians do Parque São Jorge estava havia 23,8 anos sem ganhar o Campeonato Paulista; então os nervos estavam à flor da pele. As torcidas dos outros grandes clubes de São Paulo eram um adversário chato fora de campo, motivo de chacota nos botequins, mas mesmo assim o

trio corintiano — Moreira, Madureira e Zeca Filé — fazia a festa no Boteco do Alvarenga. Os gritos de “Agora é Timão” e “Salve o Corinthians” soavam pelas ruas da vila. O trio cantava entusiasmado: “Hoje é dia de quebrar o tabu, salve o Corinthians... salve o Corinthians, campeão dos campeões.” O trio já estava quente desde manhã. A festa tem seus limites; o dia era também de negócios, vender camisas e todos os artigos com o nome Corinthians. A caminhonete estava toda enfeitada de bandeiras, camisas, flâmulas e outros artigos.

Vestidos a caráter com uniforme do alvinegro do Parque São Jorge, bonés na cabeça, calção preto e branco e meias brancas, o trio abriu o Boteco do Alvarenga às 6h00 da manhã, ao som de cornetas e “Salve o Corinthians”. Para manter a pressão controlada, o trio pede uma à lá Penha-Lapa.

A peleja era à noite, mas a cidade passou o dia soltando fogos, inclusive o Trio do Barulho. Para se fortalecer, caldo de mocotó com farinha e pimenta para alicerçar o estômago.

Já se passava das 10h00 da manhã; o sol estava alto. O hino corintiano não parava de tocar. O trio fez algumas vendas na vila, bebeu a saideira e saiu com destino ao Morumbi. No percurso, muitas vendas e, de vez em quando, uma parada, um gole e fogos para o ar. Mesmo ainda sendo cedo, o trânsito estava complicado. Zeca Filé gritava no megafone: "Vai, Corinthians! Aqui nós temos bandeiras, camisas e bonés. Salve o Corinthians! Temos também cerveja, cachaça e nosso delicioso bolinho apimentado de carne. Vai, Corinthians! Vai, Corinthians! Salve o Corinthians, campeão dos campeões." Moreira e Zeca Filé disputavam no gogó o grito de guerra.

Chegou o ponto de vendas; é hora de pendurar bandeiras, camisas, flâmulas e bonés, também de tocar o hino e não parar mais, divulgar as mercadorias, inclusive as bebidas: cerveja, cachaça, vinho e fogo-paulista.

Zeca Filé se anima: vai, Corinthians, minha vida! Vai, Corinthians, meu amor! Moreira se agita: vai, Corinthians do meu coração! Vai começar o jogo! Madureira solta fogos de artifício e azeita o gogó; Moreira e Zeca Filé o acompanham.

A Rádio Bandeirantes transmitia o jogo na voz de Fiori Giliotti. “Começa o jogo, torcida brasileira: Corinthians e Ponte Preta, Ponte Preta e Corinthians, Morumbi lotado. Um pequeno cantinho foi reservado para a torcida ponte-pretana, e o restante a nação corintiana tomou conta; está tudo dominado, torcida brasileira. Bola rolando no Morumbi... bola perigosa enfiada por Zenon para Basílio, corta

Oscar para lateral. É lateral para o Corinthians; Wladimir bate o lateral nos pés de Adãozinho, de primeira serve Palhinha; de Palhinha para Russo no campo de ataque.”

O trio continuou ouvindo a transmissão do jogo, bebendo seus gorozinhos e fumando seus cigarrinhos. É hora de começar a arrumar as mercadorias; vamos sair agora para a festa na Avenida Paulista. É melhor adiantar as coisas; vamos deixar algumas mercadorias expostas; o restante vamos guardar tudo.

Zeca Filé foi encaixotar os calções e meiões e se deparou com um cachorrinho da raça pequinês, macho, deitado dentro da caixa. Ele quis fugir, mas Zeca Filé o segurou e o levou para Moreira ver.

Moreira disse: esse cachorro vale um bom dinheiro, Filé; essa raça com pedigree puro é muito visada por esses ladrões pé de chinelo que os vendem para criadores.

Madureira disse: ele está sem coleira de identificação; como vamos saber quem é o dono?

Moreira sugeriu que entregassem o cachorro para a polícia; eles vão pensar que nós o roubamos, sabem como é, a corda arrebenta do lado mais fraco.

“Zeca Filé, segura o cachorro que nós vamos terminar de arrumar as coisas”, disse Madureira.

Filé ficou na frente da caminhonete, no claro do farol, observando o cachorro que estava inquieto.

Uma viatura da polícia parou em frente, e o policial desceu da viatura e perguntou: “De quem é este cachorro?”

Filé disse: ele entrou em nossa caixa de mercadoria com medo dos fogos; não sabemos de quem é.

“Este cachorro foi roubado”, disse o policial.

Madureira interveio: aqui ninguém roubou cachorro nenhum, e ele não tem coleira de identificação para devolvermos ao dono.

“Este cachorro pode ser da família de um delegado que mora aqui no bairro; roubaram o casal de cachorros desta raça. Onde está a cachorrinha?”

“Nós não sabemos de cachorro nenhum; viemos ao Morumbi vender nossas mercadorias do Timão”, ponderou Madureira.”

“Vamos precisar ir até o distrito policial, segundo orientação do delegado”, disse o policial.

“Nós não roubamos cachorro nenhum”, esbravejou Madureira.

Outra viatura de polícia encostou.

Zeca Filé mantinha o cachorrinho no colo e aproveitou os questionamentos para esvaziar seu copo e foi repreendido por um policial que se sentou junto a Madureira na caminhonete.

“Vamos para a delegacia”, disse o sargento.

Zeca Filé e Moreira foram na viatura; o cachorro seguiu sob proteção na outra viatura. Na rua, muita festa, e o povo gritava “Vai, Corinthians!”. Ao lado da viatura parou um carro; o rádio estava ligado na voz de Fiori Giliotti: “Zero a zero, torcida brasileira.”

Na delegacia, o delegado estava irritado e foi logo perguntando: “Onde está o outro cachorro?” Ele bateu forte na mesa e disse: “Eu não estou para brincadeira; os cachorros pertencem à família do delegado Silveira. Se ele chegar aqui e não encontrar os cachorros, o bicho vai pegar para o lado de vocês.”

O delegado disse: “Levem eles para a sala do bom-bom!” Naquela sala sofreram agressões psicológicas e lá ficaram por mais de uma hora. Embora a sala fosse vedada acusticamente, o Trio do Barulho ouvia centenas e centenas de fogos e presumiam que o Timão tinha sido campeão, mas o clima não estava para festa.

A porta se abriu, e um investigador os conduziu até o delegado Dr. Amaral, que lhes disse que os verdadeiros ladrões foram capturados e a outra cachorrinha havia sido recuperada e também que o delegado havia deixado um envelope com uma gratificação para lhes compensar os transtornos.

Mesmo assim, o trio continuava em silêncio até que Zeca Filé perguntou aos investigadores: “Doutores, o Timão foi campeão?”

“Sim, ganhou de um a zero.”

Madureira, Moreira e Zeca Filé se abraçaram e festejaram dentro da delegacia: “É campeão, é campeão! Vai, Corinthians! Vai, Corinthians!”

O delegado, os investigadores e o escrivão também aproveitaram o momento: “Vai, Corinthians! É campeão, é campeão!”

O Trio do Barulho trouxe o isopor de cervejas e uma garrafa de Tatuzinho, e a festa ganhou o pátio da delegacia. Foguetes foram detonados: BUM, BUM... BUM, BUM... BUMMM. Ao se despedir, o delegado os convidou para tomar um cafezinho sempre que passassem pelo bairro do Morumbi.

No dia seguinte, os amigos do Boteco do Alvarenga lhes perguntaram como foi a festa na Paulista, muito barulho?

“Foi ótima; vendemos pra cachorro. Hoje a cerveja é por nossa conta. Vai, Corinthians! É

campeão! Timão do meu coração, campeão dos campeões."

Conto 04 - A Pensão do Libanês

Na cidade mais antiga do Brasil funcionava a Pensão do Libanês. Sr. Chalita e seu filho Jamil eram os patrões, e Vanusa, sua funcionária de confiança. A estrutura da pensão era simples: uma casa térrea antiga; na entrada, a sala convencional transformou-se em recepção e escritório, um sofá grande antigo e outro menor também antigo, com uma televisão de 20 polegadas. Nas paredes, quadros com lembranças do Oriente, com deserto e coqueiros, camelos, dromedários e odaliscas.

Os quartos de medidas médias formavam um retângulo no conjunto de oito quartos médios com duas camas de solteiro e doze quartos pequenos com um beliche. Em cada quarto, banheiro médio com chuveiro. No centro da edificação, um quiosque para servir refrigerantes, sucos e salgados; à sua volta,

alguns guarda-sóis e cadeiras com chuveiro frio coletivo.

Nos fundos, a lavanderia coletiva e o quarto dos empregados.

Chalita e o filho tinham mesmo cara de árabes, morenos e nariz achatado; o pai tinha 68 anos, e o filho 35 anos.

A empregada de confiança era Vanusa, morena jambo, estatura média, olhos pretos e grandes; tinha 28 anos, corpo escultural e sensual.

Vanusa era comunicativa e ligeira; nos finais de semana, da tarde para a noite, quem cuidava da pensão era Vanusa.

A grande maioria dos clientes era de São Paulo. A cozinha era de uso exclusivo da casa; para clientes, somente porções, lanches, refrigerantes e sucos. Por questões religiosas, eles não trabalhavam com bebidas alcoólicas.

A turma do Tadeu era a principal cliente da pensão, principalmente nos finais de semana. A turma era grande; ele praticamente tinha reservas em datas especiais para o ano inteiro.

Fábio Tadeu era o rei para Chalita; ele elaborava as listas de pessoas, encaminhava cópia dos documentos e eram sempre pessoas idôneas que não saíam fora da linha; enfim, eram pessoas do bem.

De vez em quando Tadeu comparecia à pensão aos sábados pela manhã e saía no domingo à tarde; esses dias eram por conta da casa, inclusive sucos, lanches e porções.

Com o passar do tempo, a turma de Tadeu passou a frequentar também os finais de semana comuns; isso fez aumentar o status de Tadeu com o Sr. Chalita.

Quem cuidava dos clientes da turma de Tadeu era somente Vanusa e ninguém mais; no

entanto, esse acerto foi feito somente entre os dois.

Fábio Tadeu sabia que, de vez em quando, Jamil saía com a morena Vanusa, geralmente quando queria dar uma folga para sua amada noiva Jaqueline.

Em determinado dia aconteceram intrigas entre Jamil e Vanusa; o resultado disso foi a demissão de Vanusa. Fábio Tadeu tomou conhecimento dos fatos e conversou com o Sr. Chalita a respeito; no entanto, ele disse que a decisão já estava tomada. Tadeu se despediu e não ligou mais.

O Sr. Chalita contratou outra moça, Magnólia, que se adaptou muito bem às orientações da casa. O tempo foi passando e o movimento da casa só diminuía; a turma de Tadeu não apareceu mais. O Sr. Chalita chegou a ligar para ele, mas ele disse que o pessoal estava sem dinheiro, somente isso.

Algum tempo depois, Chalita chamou Jamil para uma conversa; era preciso tomar alguma decisão. A pensão estava somente com os mensalistas e poucos clientes de veraneio. Resolveram fazer um anúncio no caderno de turismo de um jornal de grande circulação; tempos depois constatou-se pequena melhora, mas nada de excepcional. Fazia-se necessário reduzir custos; então demitiram Magnólia e o faxineiro. No entanto, uma coisa era certa: as demissões não iam aumentar o faturamento.

O Sr. Chalita chegou à conclusão de que, do jeito em que estava, somente era suportável manter o negócio porque o prédio era próprio; caso contrário, não suportaria manter o negócio em atividade.

Em uma bela sexta-feira o sol estava radiante. Chalita e Jamil aguardavam clientes para o final de semana; no entanto, somente um

casal e um rapaz fizeram reservas. O ambiente estava silencioso. Um rapaz se adentrou à recepção chamando por Vanusa:

“Onde está você, minha morena Vanusa? Sumiu? Desapareceu? Não liga mais, minha querida? Trocou de fornecedor?”

O balcão da recepção estava vazio; Chalita e Jamil estavam sentados no sofá, e o jovem rapaz não percebeu e continuou a chamar:

“Vanusa, que saudade de você! Agora estou vendendo também cigarros!”

O Sr. Chalita se manifesta:

“Bom dia, meu jovem!”

O rapaz se assustou.

“Bom dia, senhor. Quero falar com Vanusa; ela está?”

Chalita queria colher mais informações e disse:

“Ela não está, só mais tarde. O senhor vende o quê?”

“Vanusa é minha cliente de uísque, conhaques, energéticos, martini, cerveja e outras bebidas destiladas. Agora vendo também cigarros”, respondeu o rapaz.

Chalita pergunta:

“O senhor fazia entrega de bebidas alcoólicas aqui nesta pensão?”

“Não; ela guardava as mercadorias no seu carro, uma perua Kombi.”

Chalita ficou sem entender nada e disse:

“Deixe-me um cartão; vou pedir para ela te ligar ainda hoje. Obrigado pela visita.”

O rapaz agradeceu e foi embora.

“Tem algumas respostas que precisamos encontrar, Jamil.”

“Não entendi, Jamil; por que Vanusa comprava tanta bebida alcoólica?”

“Você percebeu que foi depois que ela saiu que o movimento da pensão despencou?”

“Foi mais ou menos nessas datas”, respondeu Jamil. “Coincidência?”

“Foi exatamente nessas datas que Fábio Tadeu parou de frequentar a pensão com sua turma; esta é uma questão que precisa ser respondida, meu pai”, disse Jamil.

“Primeiro eu vou ligar para o Tadeu; vamos ver o que ele tem a dizer, e vai ser agora.”

“Fábio Tadeu? É Chalita. Tudo bem?”

“Tudo bem, Sr. Chalita. Em que posso ajudar?”

“Hoje passou por aqui um vendedor de bebidas desconhecido querendo falar com Vanusa; como você é muito amigo dela, tem alguma coisa para me dizer a respeito?”

“Bom, Sr. Chalita, considerando que eu e Vanusa somos amigos e não cometemos nenhum crime, vou lhe contar o que se sucedia.”

“Além de meu comércio, eu trabalho com turismo, excursões; enfim, conheço muita gente. Conheci Vanusa na sua pensão; ela se prostituiu comigo e mais três amigos na pensão nos quatro dias em que ficamos hospedados. Segundo ela, as bebidas ela buscava para nós em um boteco próximo. Nessa brincadeira ela ganhou um bom dinheiro; não sei se já tinha feito algo parecido anteriormente.”

“Assim amadureceu a ideia de um negócio entre nós. A venda de bebidas era por conta dela; porém, o preço era determinado por mim, ou seja, eu fechava a conta do cliente. Os valores dos programas das mulheres também eram determinados por mim, sendo que eu

tinha participação de 30% nos valores totais das contas.”

“Uma semana antes eu lhe avisava quantos homens iam; assim ela tratava de contratar as garotas para a festinha. Posso dizer para o senhor que o negócio é rentável, muito bom mesmo. O senhor quer participar da nossa sociedade?”

“Minha formação religiosa não permite que eu trabalhe com esta atividade; aliás, sua proposta é indecente, Tadeu. Saiba que a Pensão do Libanês é um local de família. Adeus!”

Conto 05 - O Tombo das Marmitas

Naquela época, nas décadas de 70 e 80, a maioria dos trabalhadores carregava marmitas, exceto aqueles que trabalhavam em multinacionais onde havia restaurante no local de trabalho; mas, no geral, eram todos marmiteiros. A tradicional era aquela de alumínio; a tampa não fechava, era necessário amarrar com elástico ou aquele mais resistente feito de câmara de pneu de bicicleta ou até mesmo pneu de carro. Mesmo com ela amarrada, não era sugerido levar comida com molho porque vazava; era conveniente colocá-la em saquinhos plásticos para não vazar na bolsa ou maleta.

Carregar marmita não era chique, mas era divertido quando não tinha acidente no transporte do tipo vazar molho ou caldo de feijão. Estava sujeito, no aquecimento, para quem não sabe, elas eram aquecidas em

banho-maria, que era um tipo de forma grande de inox cheia de água aquecida por uma serpentina elétrica. As marmitas ficavam ali no banho-maria; quando a água fervia, geralmente entrava água na marmita, e não era nada agradável comer a comida ensopada. Esse tipo de acidente era corriqueiro acontecer. Outro desagradável fato era o furto de misturas; quando a gente levava um saboroso bife acebolado, por exemplo, era aconselhável fazer a vigília no aquecimento. Entre as mulheres era comum repartir as misturas ou experimentar o tempero da outra e também fazer sucos entre elas.

Entre os homens não tinha essa coletividade; cada um comia a sua marmita e pronto. Uma coisa que os homens faziam que as mulheres não faziam era pegar escondido nas lanchonetes sachês de pimenta, maionese, ketchup e mostarda para incrementar o sabor

do “rango”; o máximo que as meninas podiam fazer era pedir um pouquinho, ou seja, uma participação indireta no furto, risos.

Na década de 70 o metrô, linha azul, trafegava somente entre o Jabaquara e a Praça da Liberdade. Eu e meu saudoso pai íamos juntos; embarcávamos na Estação Praça da Árvore e desembarcávamos na Praça da Liberdade. Assim como é atualmente, para entrar na Estação Praça da Árvore, descíamos um lance de escadas externas sem cobertura para chegar até as catracas das roletas; no entanto, naquela época o metrô estava se reestruturando quanto às condições de segurança nas estações, e o piso das escadas externas da Estação Praça da Árvore era escorregadio quando molhado.

Em determinado dia chuvoso, eu descia as escadas ao lado de meu pai. Aconteceu um acidente: meu pai escorregou mais ou menos

no meio da escada; procurando se apoiar em alguma coisa próxima, apoiou-se em mim e me levou junto com ele para o chão. Descemos o restante da escada de bumbum no chão; a maleta 007 se abriu, e nossas marmitas capotaram no piso ao final da escada; em consequência, abriram-se. Eu dava risada da tragédia, e meu pai, bravo pelo tombo, resmungava comigo: recolhe as marmitas, sô. Eu, molecote, me restringia a rir. Naquele abençoado dia, nossas marmitas estavam carentes de misturas; em cada marmita tinha arroz, feijão e dois ovos cozidos. Os ovos cozidos rolaram entre o povo, e isso me fez chorar, mas era um choro de festa; não era um choro de tristeza nem de medo de perder a succulenta mistura. Uma abençoada moça bem-vestida falou em tom severo: ajudem este pobre homem e seu filho.

Deu tudo certo; eu recolhi o arroz esparramado e os ovos rolantes. Constatei que as duas marmitas se abriram, mas somente uma delas se abriu por inteiro, esparramando arroz e os ovos.

Senti-me lesado pelo meu pai, risos. Normalmente, ao desembarcarmos na Estação da Liberdade, meu pai sempre retirava de dentro da maleta 007 qualquer uma das marmitas, porque o conteúdo, quantidade e estilo delas eram sempre iguais; no entanto, naquele fatídico dia, meu pai retirou de dentro da maleta a marmita em que o arroz e os ovos não tinham se esparramado pelo chão da Estação Praça da Árvore.

Valeu, meu amado pai; em nossa viagem pela vida tudo valeu. É uma pena que a estação do fim chegou.

A alegria dos marmiteiros se retratava no final da tarde e início de noite; a turma dos

marmiteiros fazia a festa no fundão do ônibus, a batucada nas marmitas, os talheres eram usados como baquetas; até o cobrador participava com alegria no ônibus lotado. Bons tempos. Recordo-me de um parágrafo de nossa música: “Marmita vazia na mochila, que alegria, comi meu arroz com feijão com proteção de São Sebastião, marmiteiros... tá bonito...”

Conto 06 - O Cocô Artificial

O português Manoel Oliveira tocava seus negócios na Padaria Flor de Lins, no bairro Vila Santa Catarina, na cidade de São Paulo, há muitos anos. Primava pela qualidade de seus pães e confeitaria, além de zelar muito pela higiene do ambiente e apresentação de seus empregados.

Os banheiros então, precisavam estar bem limpos e perfumados; para isso mantinha as chaves no caixa. Sua esposa Maria de Fátima e seu filho Alberto sabiam dos caprichos do pai; por isso seguiam a mesma linha. A padaria tinha muitos clientes cativos; dentre eles, o Sr. Salviano, espanhol festeiro e divertido. Havia outros: o Sr. Darcy, o Sr. Albino e o Sr. Flávio se destacavam dentre os demais por serem mais animados; claro que havia outros: o Sr. Joaquim, outro português; o Sr. Ademir; o Sr. Roberto; o Sr. Clóvis e o japonês Sr. Rui.

Em determinado dia, o Sr. Flávio foi ao centro da cidade de São Paulo comprar alguns enfeites para o aniversário da neta. Andando pela Rua 25 de Março encontrou algumas novidades: cocô artificial. Tinha de todos os tipos: alguns enrolados escuros, alguns até com destaques, com feijão, com milho, com destaque de verduras; outros amarelados e esparramados; outros em um único troço grande e grosso.

Flávio usou de sua criatividade e imaginação; comprou um cocô artificial de cada tipo, mesmo com os protestos da esposa, Sra. Neusa: “O que você vai fazer com isso, homem? Isso é coisa de criança.”

“Não é não; com essa porcaria vou me divertir muito”, disse Flávio, “e ainda vou ganhar um dinheiro; você vai ver.”

“Mas, por favor, não espalhe essas coisas pela nossa casa quando tiver visita”, disse Dona Neusa.

No dia seguinte, um sábado ensolarado, Flávio pegou sua sacolinha com as novidades e seguiu para a padaria. Por lá encontrou o Sr. Salviano, outro bagunceiro e moleque, e lhe mostrou as novidades.

Salviano lhe disse: isso é a coisa mais linda do mundo, risos e gargalhadas. Mas qual é o plano, Flávio?

“Tem vários planos, mas o principal é colocar um tipo enrolado no banheiro da padaria e, depois de algum tempo, avisar o Sr. Manoel da sujeira que fizeram no seu lindo banheiro”, risos e gargalhadas. “Para dar mais realismo, ajuda jogar um pouco de água em sua volta e aguardar a reação do português”, risos e risadas.

“Muito bom o plano”, disse Salviano, “e quando será?”

“Agora mesmo; só não conte para ninguém!”

“Aconteça o que acontecer, quem vai fazer a limpeza sou eu ou você; não podemos perder o produto”, disse Flávio. “Está claro?”

“Sim, entendido”, respondeu Salviano.

Então vamos lá; segure a sacola com os outros produtos. Eu vou colocar o produto cocô no sanitário, e você, Salviano, fica de olho no ambiente; nada pode dar errado.

Salviano, peça uma cerveja e dois copos.

“Bom dia, Sr. Manoel, tudo bem?”

“Sim, tudo bem, Sr. Flávio.”

Cinco minutos depois, Flávio pede a chave e vai ao banheiro e deposita o cocô artificial do tipo enrolado no cantinho do banheiro e joga aquela água em sua volta. Dez minutos depois

é Salviano que pede a chave e vai ao banheiro e confere a cena do crime; ao sair, faz sinal de positivo para Flávio. É gente que entra e sai para comprar pão, leite e cigarros. Quando o movimento amenizou, Salviano abordou o português e lhe deu a notícia. Ele convoca seu gerente, Sr. Amorim, para ir verificar; o gerente retorna vermelho e fala ao ouvido do Sr. Manoel, que imediatamente sai do balcão e vai conferir; em seguida esbraveja: quem foi o desgraçado que fez isto? Ora, pois, que safadeza deste vagabundo.

Flávio foi ver e pôs lenha na fogueira: que horrível, isto não pode acontecer. Salviano põe mais lenha na fogueira com suas imitações: Jesus, acenda a luz, cruces, que horror de cocozão; capricharam, Sr. Manoel.

Alberto, seu filho, chegou e perguntou ao pai: o que aconteceu que todos estão nervosos? O Sr. Manoel diz com a voz alterada: vá ao

banheiro e veja com seus próprios olhos o que fizeram, filho. “Filho da puta”, todos ouviram o desabafo de Albertinho.

O Sr. Manoel gritou: Amorim e Alberto, tratem de limpar esta merda.

Alberto fala alto: Amorim, pegue uma pá, vassoura e um balde de água e desinfetante.

Salviano estava com dor na barriga de tanto rir escondido atrás das placas de sorvete. Flávio, percebendo que o produto corria grande risco de ser danificado, tratou de remediar a situação e se ofereceu para limpar o ambiente; em cinco minutos tudo estava resolvido. Flávio, engasgado com os risos, camuflou o produto como se fosse lixo e entregou para Salviano, que dispensou tudo para dentro de seu carro.

O Sr. Manoel ainda providenciou álcool para Flávio desinfetar as mãos e ainda ganhou uma

dose caprichada de uísque e um enroladinho de presunto e queijo.

Flávio chamou por Salviano para dividir o uísque, o tira-gosto, e disse: parceiro é parceiro e só risadas.

Salviano complementou: essa foi muito boa; faz tempo que não dou tanta risada gostosa.

Os dois se escoraram no carro para dar mais risada, fora do alcance da visão do trio nervoso: Sr. Manoel, Alberto e Amorim.

Sábado ensolarado, passadas das 11h00, a turma começa a chegar no point da Padaria Flor de Lins.

Flávio e Salviano estavam cientes de que seria difícil segurar o segredo do produto secreto.

O assunto era um só: a cagada no piso do banheiro da padaria do português. Somente Flávio e Salviano sabiam da verdade; se

vazasse a verdade, os suspeitos somente poderiam ser eles. Salviano diz que tem um compromisso e que precisa ir embora; ele vai até o carro buscar os produtos e devolve para Flávio sob os olhares curiosos de alguns cidadãos da turma. Flávio acredita que o parceiro Salviano comentou alguma coisa sobre os produtos com alguém, e a curiosidade foi aguçada, até o momento de Salviano não conseguir segurar mais o conteúdo das sacolas e a verdade do fato ocorrido na Padaria Flor de Lins.

As gargalhadas aumentam e aflora cada vez mais o assunto; Flávio se sente acuado, e a verdade foi chegando aos ouvidos do Sr. Manoel e seu filho Alberto aos poucos. Com a ausência de Salviano, as explicações caem todas nas costas de Flávio.

Flávio é convidado a ir ao escritório e mostrar o bendito produto, que acabou encantando o

Sr. Manoel e o filho. Considerando que Flávio tem outra unidade do produto, ele é forçado a vender uma unidade ao sair do escritório.

A entrada da padaria está em festa, aguçando a curiosidade dos transeuntes. Flávio sai do escritório e é assediado pela turma que quer conhecer o produto.

O produto é apresentado, e o encanto é geral. Flávio pensa consigo mesmo: nunca pensei que uma merda de plástico fosse fazer tanto sucesso junto a um público tão seletivo.

O Sr. Darcy e o Sr. Albino resolvem levar o produto até a feira e montar um cenário para brincar; segundo eles, até os cachorros foram atraídos e enganados.

Flávio, um conceituado advogado aposentado, voltou para casa de mãos vazias, frustrando toda a família que aguardava ver o cocô artificial.

Conto 07 - A Viúva do Japonês

Assis era um vizinho amigo que trabalhava em uma clínica oftalmológica no bairro do Paraíso, centro de São Paulo. Ele era um rapaz simpático, educado e metido a conquistador, solteiro e fazia faculdade de Administração na FMU. A Oftalmoclínica era uma fábrica de lentes convencionais e de contato; tinha uma rede de lojas na capital e interior do Estado de São Paulo. Assis era chefe do departamento de logística.

A diretoria da empresa era, em sua maioria, composta por japoneses, e a disciplina aplicada ao quadro de colaboradores era bem rígida; mas Assis era aquele cara tranquilo, bom “vivã” que inclusive namorava uma japonesinha colega de trabalho; seu nome era Rosa. Ele brincava com ela: Rosa, rosinha, minha cheirosa que não me canso de cheirar.

O diretor de sua área era um dos chefões do grupo, Sr. Mário Yuso; sua esposa também era diretora, Dra. Natália Yuso, brava e chata. Era bonita e tinha um corpo bonito, mas suas posturas e a sua forma de tratar seus subordinados faziam com que ela se tornasse uma pessoa desagradável.

Raramente ela levava seus filhos à clínica; era um casal: o menino deveria ter uns dez anos e a menina uns oito anos mais ou menos. Os danadinhos eram bonitinhos e simpáticos; conversavam com todo mundo. Assis chegou a conversar com eles, inteligentes e agradáveis. Com a mãe ele conversou somente uma vez; foi quando ele voltava do almoço com o guarda-chuva; chovia forte. Ela estava de saída e havia deixado o carro na rua; ela sorriu e aceitou a carona de Assis. Chegou a se apoiar com a mão esquerda em seu ombro; ela abriu seu Corolla com o controle remoto, e ele se

sentiu na obrigação de abrir a porta. Ela lhe olhou nos olhos, agradeceu e sorriu; ele não sabia o que fazer, então sorriu também.

Depois desse feliz dia, ela passou a cumprimentá-lo e sempre com um sorriso maroto. Certo dia, pela manhã, ele estava na recepção se despedindo de um cliente; ela chegou, e Assis não a cumprimentou, pois, sua atenção estava voltada para o cliente. Ela passou por ele e, em seguida, se virou, justo no momento em que ele deu aquela olhadinha natural para o seu bumbum; de propósito, ela sorriu e disse: eu estou aqui, bom dia. O rosto branco ficou rosado, e então ele respondeu meio sem jeito: bom dia. Ela percebeu seu desequilíbrio e respondeu: isso acontece, bom dia.

Depois desses episódios, ela passou a lhe chamar a atenção e ela também lhe olhava diferente de propósito. O tempo passou; mais

ou menos três meses depois, um fato inesperado: O Sr. Mário Yuso, seu marido, veio a falecer. Estava aparentemente bem; de repente, um infarto fulminante interrompeu sua vida ainda jovem; tinha apenas 48 anos.

A morte do Sr. Mário Yuso causou grande tristeza em toda a empresa. No velório Assis lhe cumprimentou com “meus sentimentos”, ela lhe agradeceu gentilmente. Passados alguns dias, ela retornou à empresa; Assis presumiu que ela foi buscar alguns objetos particulares do falecido. Sua sala era próxima de sua mesa, ele viu que ela estava montando algumas caixas de papelão, selecionando os objetos por caixa e fechando-as com fita-crepe. Em certo momento ela lhe pediu ajuda para achar a ponta da fita que havia perdido; se prontificou de imediato, encontrou a ponta e lacraram as caixas que estavam abertas. Seu diretor, Dr. Arnaldo, adentrou a sala e disse:

você pode ajudar a Dra. Natália a empacotar os pertences do nosso saudoso Dr. Mário?

Claro, com prazer!!

“Ele já se prontificou, disse ela sorrindo.”

“Se precisar, pode ficar o dia todo Assis; a Dra. Natália vai precisar também que Ihe acompanhe para descarregar.”

Pois não, vou até colocar uma camiseta e tirar a gravata.

Isso mesmo, disse ela; “eu já vim preparada, disse sorrindo.”

Ela vestia uma bermuda lilás listrada de branco, cinto marrom, camiseta vermelha e tênis Nike também vermelho. Assis gostou; suas pernas torneadas e bronzeadas, estavam à mostra, e seus cabelos pretos presos com presilhas vermelhas Ihe deixam ainda mais

charmosa. Até a hora do almoço eles empacotaram bastante coisas.

“Ela disse, eu vou almoçar na casa de minha mãe com as crianças; quer ir almoçar com a gente?”

O convite lhe surpreendeu; agradeceu e desejou bom almoço. Te espero para o segundo tempo, risos.

Estarei aqui; à tarde podemos comer esfirra em minha casa, tchau.

Combinado; Assis agradeceu o convite, risos.

Ele foi almoçar com a imaginação ativa, esquecendo que o momento ainda era fúnebre e não propício a imaginações amorosas. Ele Refletiu sobre a realidade pela qual passa a Dra. Natália; seu dever é único: ajudá-la naquilo que precisar.

Após o almoço, ele fez sua higiene bucal e lhe aguardei em minha mesa. Aproveitei para colocar em ordem os trabalhos e orientar a equipe na sua ausência. Dra. Natália retorna do almoço, sorri e diz: vamos à luta, companheiro?

Sim, vamos à luta; tudo bem com as crianças?

Tudo bem; eles almoçaram e agora à tarde vão passear no Shopping Ibirapuera.

Que bom; neste momento difícil para as crianças é preciso distraí-las.

Agora à tarde vamos pegar no pesado, disse sorrindo a Dra. Natália; chegou a hora de colocar nas caixas os livros da estante.

Para levar as caixas até o carro vou pegar um dos nossos carrinhos.

Boa ideia, disse ela.

No final da tarde, na última viagem, podemos colocar algumas caixas no meu carro; assim, de lá eu vou para a faculdade, doutora.

Tudo bem, disse ela; minha casa fica em Moema, é só você me seguir.

Chegaram em sua casa, entraram pela garagem, e ela lhe disse: vamos somente descarregar; amanhã eu e minha irmã terminamos; afinal de contas, amanhã é sábado. Eu estava pensando em pedir alguma coisa para a gente comer, mas me lembrei que você tem compromisso na faculdade.

Hoje as aulas estão suspensas; é dia de reunião dos professores; estou livre, risos.

Você tem um tempo para a gente comer alguma coisa?

Sim; neste momento você precisa de companhia; não sei se sou a pessoa ideal; enfim, estou aqui.

Você é agradável; está aprovado, disse a doutora. Fique à vontade para lavar as mãos e o rosto; o lavabo é logo ali. Não vou pedir para você tomar banho, risos. Você bebe cerveja, uísque?

Gosto de cerveja, mas hoje vou de uísque para relaxar.

Então vamos de uísque; vou lhe acompanhar.

A doutora lhe serviu uma boa dose e disse: não tenho muitos motivos para brindar, mas vou brindar à vida. Para comer, gosta de esfirras abertas, fechadas, quibes, coxinhas acompanhadas de molho à vinagrete?

Para mim está ótimo; gosto muito da comida árabe.

Para acompanhar vou nos servir azeitonas chilenas e queijo prato; mais um uísque?

Você me acompanha?

Sim, te acompanho.

Não vou me preocupar com as crianças e minha mãe; a turma come por lá mesmo.

Fale um pouco de você, Assis; há quanto tempo trabalha na Oftalmo?

Sou colaborador da Oftalmo já há seis anos; solteiro; namoro uma garota japonesa, ou melhor, mestiça, que também é colaboradora da Oftalmo. Moro com meus pais e uma única irmã; tenho 25 anos e curso o último ano de Administração de Empresas na FMU. Sou um cara tranquilo e gosto de praticar esporte, exercícios e futebol; é isso, risos.

Entre nós pode deixar a doutora de lado, risos. Eu sou viúva. Ela baixa a cabeça. Minha ordem é seguir a vida; fiquei casada por 12 anos, mas meu casamento estava em crise nos últimos dois anos. A gente se falava pouco; ele se mudou desta casa e foi morar sozinho no

Morumbi. Agora preciso manter a cabeça em ordem e cuidar bem das minhas crianças.

Mário era um bom homem, porém genioso; desconfio que ele mantinha relacionamento com outra mulher. Ficava muito tempo longe de mim, sem carinho e muito frio comigo; sei lá. Agora é outra vida; vamos beber mais um uísque?

Vamos. Ela me serviu outra dose e também uma para ela e disse: Natália, eu vou deixar meu telefone de casa com você; o que você precisar, seja para você ou para as crianças, estou à disposição para lhe ajudar. Minha namorada é um passatempo, mesmo porque nós estamos juntos há pouco mais de dois meses; ela saiu de um relacionamento de oito anos; estava para casar e tudo desmoronou, mas é uma boa pessoa.

Agradeço sua disposição em me ajudar; precisando eu te chamo, risos.

A esfirra chegou. Ela disse: ainda bem, estou com fome; vou pegar uma cerveja para nós; saúde, meu querido ajudante, risos.

A esfirra está uma delícia; muito bom mesmo; gostei da comida e do nosso papo, sutil, mas com conteúdo.

Natália sorriu; concordo plenamente.

As crianças chegaram junto com sua irmã Izaura e sua mãe, Sra. Mieko, todos muito simpáticos. As crianças me abraçaram e me contaram um pouco sobre o passeio no shopping. Eu me despeço de todos, e Natália me acompanha até o portão; nos abraçamos, e ganhei até um beijo no rosto. Obrigado pela ajuda e pela companhia; bom fim de semana.

Para você também, Natália; tem certeza de que não precisa de minha ajuda amanhã?

Tenho; se precisar, eu te ligo. Obrigado e tchau.

Assis criou várias fantasias na sua mente; conferiu o relógio e já passava das 22h00; considerou que ainda era cedo ir para casa e resolveu dar uma passadinha no bar do Peteca para beber mais uma e fumar um cigarrinho.

No dia seguinte, sábado ensolarado, Assis acorda mais tarde e se anima lavar seu Fiat 147 para, à noite, sair com sua Rosa cheirosa. Após lavar o carro, Assis resolve ligar para Rosa, e ela lhe diz que, da tarde para a noite, vai visitar uma tia que fez uma cirurgia do coração.

Perguntou-lhe se poderia ir junto?

Ela disse que, em visitas a doentes, quanto menos gente, melhor. Desejou melhoras para sua tia e desligou o telefone.

O relógio marca quase meio-dia, e o telefone toca. Assis atende: pois não, é ele que está falando.

Bom dia, Dra. Natália. Ela lhe corrige: Natália, risos. Tudo bem contigo?

Tudo bem; em que posso te ajudar?

Preciso de sua ajuda de novo, companheiro; claro, se você não tiver compromisso de hoje para amanhã.

“Até o momento nada, risos; em que posso te ajudar?”

“A família do finado Dr. Mário me ligou e pediu a gentileza de separar todas as suas coisas e objetos, inclusive aquelas que estão no sítio que eles vêm retirar na próxima semana; pelo que me lembro, tem bastante coisinhas que eram dele. Para facilitar, nós vamos com a caminhonete. Você me ajuda?”

Claro, querida. Estou indo para a sua casa já; em 30 minutos estarei aí. Precisa que eu leve alguma ferramenta?

“Você tem?”

Sim; por precaução vou levar minha caixa de ferramentas. Mais alguma coisa?

“Como nós vamos passar a noite por lá, traga seu kit de higiene bucal; as demais coisas de uso têm tudo no sítio. Te espero, um beijo.”

Ele comemorou: meu sábado não poderia ser melhor. Beijou sua mãe e lhe avisou que só no domingo à tarde estaria de volta; são trabalhos extraordinários na empresa. Pegou a caixa de ferramentas e seguiu para a casa da Dra. Natália, ou melhor, da Natália.

Ao chegar, recebeu um beijo no rosto de Natália.

Ela foi logo dizendo: “Você mal conhece a mulher e ela só lhe dá trabalho, risos.”

“Não se preocupe, querida; para mim é um prazer ajudá-la.”

“Nós vamos com a caminhonete Corolla; você tem alguma dificuldade em dirigi-la?”

Não; eu dirijo caminhão e ônibus; quanto a isso, pode ficar tranquila.

“Que ótimo; assim eu posso ficar tranquila. Vou buscar as chaves e os documentos.”

O sábado está bonito, o sol está radiante. Onde estão as crianças?

“Foram para o clube com minha irmã; eles adoram o clube. Depois vão almoçar na casa da avó e vão dormir por lá; quanto a isso, posso ficar sossegada.”

“Então vamos seguir viagem?” Natália chama pela empregada para abrir o portão com o controle remoto e dar outras orientações. “Até amanhã, Neusa; qualquer urgência me liga no sítio. Obrigada; esteja com Deus.”

“Querido, aproveite o portão aberto e coloque seu carro aqui dentro da garagem; é mais seguro.”

Natália estava charmosa; vestia uma bermuda jeans, camiseta regata amarela e tênis All Star preto; seus cabelos estavam presos, tipo rabo de cavalo.

Eu também vestia uma bermuda jeans, camiseta preta e tênis preto. Eu me senti importante; liguei a caminhonete e segui as orientações de Natália rumo à Castelo Branco; em seguida nós colocamos no rosto óculos escuros, pois o sol estava forte.

“O sítio fica próximo de Cabreúva, é perto”, disse Natália. “Ao sair da Castelo vamos abastecer o carro, comprar uísque, cerveja, carne, linguiças e queijos para fazermos um churrasquinho à noite. Você gosta de pilotar churrasqueira?”

Gosto, sim; sou churrasqueiro dos bons, risos.

Seguiram viagem; chegaram por volta das 15h00. Para descarregar, tiveram ajuda do caseiro. Em seguida, Natália lhe pediu para montar as caixas de papelão e iniciou a coleta dos pertences do falecido. Ela começou pelo quarto do casal; em seguida passou pela sala; eram copos personalizados, pratos, facas e cinzeiros. Depois se deslocou para a sala de orações, onde tinha bastante coisas dele.

“A gente costumava sempre cochilar na sala de orações e depois íamos para a cama; o oratório e sua foto amanhã eu recolho.”

“Na sala de jogos também tinha bastante pertences personalizados dele. Visto tudo e encaixotado, vamos deixar na garagem para amanhã pôr na caminhonete”, disse Natália.

O relógio marcava quase 17h00. Natália me convidou para dar uma volta para conhecer a

cachoeira, o lago e o pomar; o sol ainda estava quente, e a água da cachoeira estava convidativa.

Ao chegar, Natália diz: “Vamos nos molhar um pouco?”

“Vamos, sim; eu também trouxe outra bermuda”, disse Natália.

E, na brincadeira embaixo da cachoeira, rolou o primeiro beijo, abraços com desejos e, ali em cima da pedra, fizeram amor.

Os desejos ainda persistiram; no entanto, Natália estava com receio de que o caseiro aparecesse por ali. “Mais tarde continuamos”, disse ela sorrindo.

O casal se vestiu; roupas molhadas, beijos e risos de prazer. Nós retornamos à casa, tomamos um banho quentinho e fizemos mais amor.

“Estou com fome”, disse a doutora.

Vou resolver seu problema agora, risos. Rapidamente ele acende o fogo e prepara as carnes; enquanto o fogo se fortalece, ela o serve um uísque e prepara um prato com queijo e azeitonas. Eles se sentam lado a lado junto à mesa, na própria área da churrasqueira. Ele pede licença e diz: vou virar a picanha, senão ela queima. Mais alguns minutos, a carne está no ponto; ele corta algumas fatias da picanha com farofa e vinagrete e serve Natália.

Ela experimenta: “Está uma delícia, querido; muito bom mesmo.”

Ele lhe serve mais um uísque e cerveja; depois se senta ao seu lado. Ambos ficam em silêncio, apreciando a natureza.

Ela elogia os assados, a sua companhia e seus carinhos.

Mais comida, querida?

“Não, querido; estou satisfeitíssima; tudo estava muito bom.”

Os dois pombinhos se sentaram em um banco de frente para o lago e cochilaram por alguns minutos.

Ela desperta: “Querido, cochilamos um pouco; que gostoso.”

Querida, vou recolher as travessas com os alimentos, e o restante das coisas vou pôr sob a mesa da cozinha e cobri-las com uma toalha; isso mesmo, amanhã ajeitamos tudo. Eles fumaram um cigarro e combinaram de dormir na área da sala de orações. Abraçados, ele não consegue ficar à vontade com ela; percebendo a sua contrariedade, ela lhe pergunta a razão.

Ele, contrariado, responde: “A fotografia do Sr. Mário junto ao oratório está me contrariando.”
Então é isso?

Ela sorri.

“Se este é o seu problema, é fácil de resolver; vamos para o quarto.” Natália junta os lençóis e travesseiros, e se deitam na grande cama de casal. Entre beijos, abraços e carinhos, Natália não corresponde e fica em silêncio.

Então chegou a vez de ele questionar: “O que acontece, querida? Posso te ajudar em alguma coisa?”

“Agora é comigo; não sei o que acontece, querido; esta cama, este ambiente, tudo está me contrariando e não está me deixando à vontade.”

“Vamos resolver este problema; o caminho é dormir na sala de visitas”, disse Natália contrariada.

Ele junta os lençóis, edredons e os travesseiros novamente, e foram se deitar na sala de visitas.

Ele sugere uma cerveja para relaxar.

Ela aceita, e aí sim faltou noite para o amor.

O sol estava alto quando despertaram; o relógio marcava quase 10h00 da manhã. Ele se levantou primeiro e a beija: bom-dia, querida.

Ela responde: "Bom dia, meu querido", e o beija. Natália abriu as janelas e a porta da cozinha; em cima da mesinha do alpendre estava uma garrafa de café e um cestinho de pão de queijo deixados pelo caseiro.

Ainda saboreávamos o pão de queijo e o café quando o caseiro aparece com um cacho de bananas, um saco de mandiocas e um balaio cheio de mangas, pêssegos e abacates; outro balaio repleto de beterrabas, cenouras e verduras variadas. Natália lhe agradeceu por tudo e retribuiu com as carnes, linguiças e os pães que sobraram da noite anterior.

Sua esposa, a Sra. Inês, chegou em seguida; nos cumprimentou e disse para deixar que a cozinha, a churrasqueira e as louças ela lavava.

Natália lhe agradeceu: “Muito obrigada, Sra. Inês, pela gentileza.”

O casal acendeu seus cigarros e saiu para conhecer o sítio: as piscinas, campo de futebol, quadra poliesportiva coberta, salão de jogos, um lindo pomar e uma linda horta. Do outro lado do lago, os cavalos, patos, gansos e cisnes; junto à casa do caseiro, algumas vacas, cabras e, por fim, o canil de cachorros.

“Mário tinha paixão por este sítio”, disse Natália. “Preciso pensar o que vou fazer com ele. Vamos, querido; lembrei que ainda precisamos recolher seus pertences no apartamento de Bertioga. Será que haverá tempo para irmos até lá, querido?”

Por mim, tudo bem; a questão é você; não vai ficar muito cansada?

“Acredito que dá, sim; não estou tão velha assim”, risos.

Você está ótima; depois da noite de ontem vejo que você ainda tem energia para ir até a lua, risos.

“Então fica definido: descarregamos as coisas em minha casa e vamos para Bertioga, certo?”

Combinado, querida.

“Eu poderia até deixar para amanhã cedo, mas no período da tarde tenho uma reunião da diretoria na empresa. Mário era sócio majoritário com 62% do capital, e eu não posso faltar; não posso deixar somente nas mãos de advogados, entendeu?”

Sim; vejo que a sua presença é muito importante.

“Então vamos?”

Vamos nessa. Na viagem eles pararam rapidamente para comer um lanche; caminharam do carro até a lanchonete de mãos dadas.

Fim de viagem; eles passaram rápido pela casa de Natália, descarregaram e seguiram viagem para Bertioga. O apartamento fica de frente para a praia, dois por andar; coisa linda.

“O dia está quente, querido; vamos dar um mergulho na piscina?”

Vamos, mas eu não tenho maiô.

Ela sorriu: “Eu também não tenho; como nosso mergulho é rápido, vou praticar o nudismo; faça isso também.”

Ele não pensou duas vezes; tirou a bermuda e mergulhou em sua direção para abraçá-la. Eles mergulharam descontraidamente e, entre

abraços e beijos, saíram da piscina, fizeram aquele amor gostoso e voltaram ao mergulho refrescante.

“Vamos, querido; ainda temos trabalho”, risos.

Ele começou a montar as caixas, e Natália foi separando as peças.

Trabalho concluído; é hora de carregar a caminhonete; o relógio marca 18h10.

“Vamos subir a serra, querido?”

“Sim; vamos na paz de Deus.”

19h45 eles chegam na casa de Natália; descarregaram e demarcaram as caixas que vieram do litoral. As crianças estavam alegres; era tio para cá, tio para lá, e ainda brincaram de bola e peteca.

Ao se despedir, Natália agradeceu a ajuda, lhe abraçou e disse: “Foi muito bom te conhecer;

gostei do seu jeito de ser.” Em seguida se beijaram carinhosamente.

Ao se sentar no carro, ele sorriu para ela: boa sorte na reunião de amanhã. Ele seguiu para casa vibrante; não era por ela ser uma mulher rica, mas sim por ser estilosa e fina no relacionamento, carinhosa, longe daquela mulher que conheceu na empresa tempos atrás, geniosa e áspera.

No dia seguinte chegou cedo; 7h15 da manhã ele já estava sentado em sua mesa despachando a logística dos processos.

Natália chegou às 10h00; passou pela sua sala e cumprimentou seus colaboradores: “Bom dia, senhores e senhoras.” Eles retribuíram e agradeceram o gesto da diretora. Em particular, Natália se aproximou da mesa de Assis e lhe cumprimentou; Assis retribuiu com um bom-dia discreto, sem alarde.

Ele foi almoçar no bar do Sr. Pedro, e Natália foi almoçar com os outros diretores; após o almoço, os diretores entraram em reunião novamente. O relógio marcava pouco para as 19h00; hora de ir para a faculdade; ele não pode esperar mais; ainda dá tempo para assistir à segunda aula.

Assis estava cansado; ao terminar as aulas foi direto para casa dormir.

No dia seguinte ele chegou cedo novamente; deu 11h00 e nada de Natália. Pouco para o meio-dia, Natália ligou.

“Bom-dia, meu querido; tudo bem?”

Comigo tudo bem, e você? Sumiu?

Ela sorriu: “Quando saímos ontem do escritório já passava das 21h00; imaginei que você poderia estar me esperando.”

Eu fiquei te esperando até quase 20h00; acreditei que ia demorar mais e fui para a faculdade. Pensei comigo: qualquer problema, ela me liga em casa.

“Vamos almoçar? Não se preocupe com o horário no período da tarde; eu já conversei com o gerente de Recursos Humanos e lhe avisei que você não vai trabalhar no período da tarde.”

Ele sorriu: eu aceito, Natália. Como fazemos?

“Eu pego você em frente ao estacionamento em, no máximo, 30 minutos; um beijo e até já.”

No tempo certo ela chegou, lhe beijou e foram para um restaurante na Alameda Santos, “área nobre de São Paulo”.

Conversaram bastante, e Natália lhe disse que vendeu sua participação na empresa Oftalmo por alguns milhões de dólares em oito parcelas. Explicou-lhe que quem entendia de

fábrica oftalmológica era Mário. Eu sou oftalmologista cirurgiã; pretendo me especializar nos Estados Unidos para depois montar uma rede de clínicas oftalmológicas no Brasil. Minhas crianças já falam inglês; para elas vai ser bom para o aprimoramento do idioma; minha irmã vai comigo. Você deve estar pensando: e eu como fico nesta história?

“Você vai comigo se especializar em Administração de Empresas em uma universidade americana para depois ser meu diretor administrativo e financeiro da rede de clínicas. Sinceramente, é uma oportunidade única; o que acha, meu querido?”

Preciso pensar, risos. Vou conversar com meus pais; prometo que em breve lhe dou uma posição.

“Eu vou financiar tudo; não se preocupe. Isso não é maravilhoso, querido?”

Seis meses depois, Assis estava nos Estados Unidos com Natália.

Conto 08 - Dopamina e Adrenalina, Alianças Perigosas

O título deste conto precisa ser interpretado para melhor entendê-lo: o desejo de Afrânio era por mulher casada. Dopamina é o hormônio do prazer, e adrenalina, o hormônio da aventura; os dois juntos podemos considerar normal; agora, quando se trata de mulher casada, é uma aliança perigosa.

Existe um ditado popular que diz que mulher casada tem cheiro de pólvora.

Assim Afrânio seguia sua vida em uma pequena cidade de 20 mil habitantes; ele era sócio da única padaria da cidade e também sócio de outra padaria em uma cidade vizinha, também pequena.

As empregadas domésticas, funcionárias públicas, professoras e boias-frias passavam pelo olhar crítico de Afrânio. Ele é jovem, tem

28 anos; não é bonito, mas simpático e agradável; altura mediana, olhos claros e vaidoso, sempre perfumado e bem-vestido.

Tinha fama de mulherengo; no entanto, poucas sabiam que sua preferência era por mulheres casadas. Tânia era uma de suas parceiras; quando iam se encontrar, ela descia do caminhão de boias-frias na entrada da cidade e o esperava no canavial; dali iam de carro para o ribeirão dos beijos e se divertiam; depois ela seguia de carona com ele em seu Opala vermelho até o bairro do Matadouro, com sua sacola carregada de broas de milho, pão sovado e outros pães doces, sem falar nas balas, pirulitos e chocolates.

Seu marido era muito conhecido na cidade; todos lhe chamavam de Pedro do Posto. Por capricho, fazia parte das fantasias de Afrânio sempre falar com os maridos e manter contato com eles. No caso de Pedro, ele só abastecia

no posto onde ele trabalhava, fazia lavagem geral e trocava o óleo do seu carro. Bem em frente ao posto ficava o ponto de táxi, e em cidade pequena todo taxista é fofoqueiro. Quando Afrânio chegava no posto, os taxistas falavam alto: vai trocar o óleo, Afrânio? Pedro, na sua inocência, sorria da brincadeira.

Outra vítima de Afrânio era Martinha, enfermeira da Santa Casa, morena bonita; seu marido era caminhoneiro, muito conhecido na cidade, o Wilsinho Canivete; fazia mudanças e fretes na região. Para se encontrar com Afrânio, Martinha marcava em outra cidade vizinha, porque ela também era muito conhecida e não podia se expor.

Não se sabe se por prazer sexual ou pela adrenalina exalada; outra mulher casada bastante assediada era Adelaide, esposa de Carlos Borges, mais conhecido como Sargento Borjão, lotado no 22º Batalhão da Polícia

Militar da cidade. Adelaide tinha um salão de cabeleireiros, onde Afrânio era cliente; ali ele cortava o cabelo, fazia as unhas das mãos e dos pés e limpeza de pele para atender suas vaidades.

Adelaide também atendia em domicílio; visitava e fazia todos os serviços necessários de higienização dos pés e das mãos dos peões boiadeiros; considerando que eles pagavam bem por seus serviços, Adelaide não deixava de atendê-los.

Afrânio se encontrava com Adelaide em seu sítio; afinal de contas, ele também era cliente. Enfim, Afrânio tem muitas outras mulheres no seu caderninho: Soraya da loja de roupas, Lígia do restaurante, Margarida do açougue, Marinês da rodoviária e até Etelvina, mulher do pastor de uma igreja recém-chegada à cidade. Podemos dizer que a cabeça de Afrânio produzia o hormônio do prazer em grande

quantidade e também da ansiedade e da expectativa; resta saber qual deles era o mais prazeroso.

Seu irmão mais velho Hugo costumava dizer a Afrânio que todo homem traído é de extrema periculosidade, não importa quem seja; mas Afrânio não valorizava muito as palavras e conselhos do irmão mais velho. Quando a batata estava começando a assar para o seu lado, ele trocava com o irmão e seguia para a padaria da cidade vizinha e por lá ficava por um período esperando a batata esfriar; se bem que, na cidade vizinha, ele também tinha seus rabos de saia para produzir seus hormônios.

O prazer e a emoção de Afrânio eram encontrar sua presa junto ao marido e eles conversarem, trocar uma ideia e, se possível, beberem uns drinks juntos; tudo isso era o máximo para Afrânio. Muitas vezes os sinais de tragédia assustavam em demasia o

conquistador, como foi o caso da enfermeira Martinha; o romance extraconjugal vazou, e ela levou dois tiros; não morreu, mas seu marido Wilson se suicidou.

Uma coisa para se pensar: até que ponto valia a pena viver à beira da morte para alimentar o prazer da mente? Afrânio já chegou a deixar o carro para trás e pular da ponte para não morrer esquartejado. A morte chegou para Afrânio suavemente e sem violência física; morreu envenenado por uma funcionária da própria padaria, sem os hormônios da dopamina ou da adrenalina.

Conto 09 - Confidências de Colegas de Trabalho

Conviver com colegas de trabalho é mais íntimo que conviver com a família; elas se tornam tão próximas por não existir o vínculo estreito de sangue que limita o pudor e libera o sentimento emocional da razão, tornando mais leve o contexto de certo ou errado. Os homens ou mulheres dos outros se tornam mais interessantes física e sexualmente falando; tornam-se menos implicantes, e até o aroma do tempero da vizinha é mais consistente e agradável. De longe, até o amor é mais puro; o estado de sentimento passa a ser mais verdadeiro; liberam-se segredos e melancolias para desabafar e dividir as dores da vida.

Sueli, Maristela e Marinalva trabalham na mesma empresa multinacional de grande porte há muitos anos. Sueli é subgerente de

Recursos Humanos; Maristela é subcontadora; e Marinalva é subgerente de Marketing. Sueli é solteira e tem 26 anos; Maristela é casada e tem três filhos; e Marinalva é noiva e tem 25 anos. As três trabalham na mesma empresa há mais de sete anos; tomam café juntas e almoçam juntas e, de vez em quando, se visitam nos finais de semana. Às segundas-feiras é dia das novidades e das fofocas.

E foi em uma segunda-feira, na hora do almoço, que Sueli compartilhou que foi convidada para um churrasco no sábado à noite; o ambiente estava gostoso, e um clima festivo pairava pelos ares. O som era ao vivo; quatro rapazes muito bem afinados compõem o grupo musical, trazendo alegria e diversão aos presentes. Os sambas cantados faziam-nos lembrar os verdadeiros sambas de raiz; tudo da melhor qualidade. E foi bebendo cerveja e Stenheger que conheceu um rapaz;

ele cursa o terceiro ano da faculdade de Psicologia e Pedagogia, porém muito criança. Em determinado momento me conduziu até uma cobertura onde havia poucos casais; ele me abraçou e já veio pegando nos meus peitos, excitado como um jegue, risos e risos. Maristela e Marinalva se divertiram com as expressões utilizadas pela amiga. O rapaz gemia e roçava em mim aquela tora, beijava e lambia meu pescoço como se fosse um touro, risos das meninas. Fiquei assustada com seu jeito primitivo de domar a fêmea; minutos depois ele relaxou e aquela tora foi amolecendo; muitos risos das colegas. Acho que ele tem ejaculação precoce, risos.

Educadamente ele disse: preciso ir ao banheiro.

Naquele momento Sueli pensou consigo: vai lá, vai logo e não volte mais, risos. Assim que ele virou as costas, eu me misturei no meio dos

sambistas. Não sei onde foi parar o jeguetouro, risos. Só comigo mesmo que acontecem essas coisas, amigas.

Enquanto tudo isso acontecia contigo, Sueli, eu cuidava dos meus bebês; dois deles estão gripados, tosse e febre; acredito que eles estão subnutridos; meu leite está pouco e estou tendo que complementar com vitaminas; neste mês minha mãe me ajudou a comprar. No entanto, vocês sabem que meu marido é vendedor e, no mês passado, ele não vendeu quase nada e recebeu praticamente o salário mínimo; nesta semana conversei com ele: assim não dá; você precisa arrumar um trabalho que ganhe mais, parar de fumar ou pedir a Deus para você ganhar na loteria, risos.

Mesmo com uma realidade complicada, Maristela é alegre e demonstra certa felicidade.

Marinalva é apaixonada pelo seu noivo e o acha um homem responsável; ele é mecânico de automóvel; ganha bem e faz uma reserva financeira para o casamento. Ela pega em seu pé para ele voltar a estudar, mas ele insiste que os cursos de formação profissional e atualização são mais importantes. O grande medo de Marinalva é engravidar; ela toma seu anticoncepcional pontualmente. Maristela e Sueli brincam com Marinalva que, quando casar, vai ter logo uma ninhada; ela desconjura: pelo amor de Deus, um filho está bom demais.

Em um dos almoços das três amigas de trabalho, Sueli estava com uma expressão triste; Maristela, também com um perfil melancólico, disse: só Deus na causa, minhas irmãs; e Marinalva sorri: vamos sorrir, amigas; a vida continua.

Então desabafa, amiga Sueli; o que acontece?

Neste fim de semana teve confusão na minha família; meu cunhado bebeu umas a mais e agrediu minha irmã com um soco; ela foi para a casa de minha mãe com o rosto inchado; aí deu tudo errado; meu irmão foi até a casa dela e quase mata ele de tanta pancada; se não fossem os vizinhos, tinha acontecido uma tragédia. Resultado: todo mundo foi parar na delegacia, e meu cunhado ficou preso na Delegacia da Mulher.

Gostei da conclusão do caso, disse Marinalva.

E você, Maristela, o que acontece, minha querida?

Hoje cheguei mais tarde porque fui ao médico; vocês não vão acreditar: o médico disse que tem 98% de possibilidade de eu estar grávida; sinceramente, não entendo esses anticoncepcionais; o médico disse que meu DNA é diferente e pode acontecer. Ontem conversei com Deus: me dê forças, Senhor;

queria chorar, mas não chorei; somente pensei comigo: se Deus quer assim, assim seja. Meu pai e minha mãe me disseram: estamos juntos, minha filha.

Marinalva, com um olhar preocupado, disse: naquilo que eu puder te ajudar, amiga, pode contar comigo.

Vamos almoçar, amigas; precisamos de energia para suportar as dificuldades, disse Sueli.

As três amigas almoçaram em silêncio; em seguida Maristela disse: se vocês quiserem me ajudar, por favor, que não seja com roupas; vocês sabem que já tenho três bebês e roupas é o que não falta; com certeza vou precisar de leite do tipo NAN, vitaminas e fraldas; com isso vocês me ajudarão muito. Não tenham pressa; afinal de contas, ainda falta muito tempo, risos. Mas, a partir de hoje, vou conversar com meu marido: dê um presente para os bebês;

pare ou diminua a cerveja e o cigarro; tudo para economizar em prol dos bebês.

O tempo passou; a barriga de Maristela está grande, e as amigas estão providenciando uma rifa para ajudar a amiga.

Certo dia, no café da manhã, Sueli confidenciou às amigas que sua irmã foi agredida novamente pelo marido; ela chamou a polícia, e o valentão acabou atrás das grades; a situação dele complicou, pois é reincidente; vai precisar de um bom advogado. Quando começa com agressão física, o melhor caminho é cada um seguir seu rumo disse Maristela.

Vamos mudar de assunto; Maristela, você falou com seu marido sobre as economias, risos, questionou Sueli.

Falei com ele, disse Maristela.

E o que ele disse? questionou Sueli.

Meu marido disse que ia pensar no assunto.

Acredito que ele deve estar pensando até agora.

Deixe-o comigo; eu só falo uma vez; aliás, ele está muito moderninho e egoísta para o meu gosto; eu falo uma vez só. Um dia desses comprou uma calça jeans; em nenhum momento pensou nas crianças e em mim, então nem comento. Não falo nada para meus pais; não quero vê-los tristes com esses fatos.

Sueli continua solteira, e a barriga de Maristela brilha; Marinalva anda preocupada com os comportamentos de seu noivo; pegou algumas mulheres nos contatos de seu celular e, para complicar, ficou duas semanas sem aparecer em sua casa; sua justificativa é que foi para a praia com amigos para descansar; vejo que ele faltou com respeito comigo. Sueli já abriu o verbo: homem é usar e descartar na primeira

lata de lixo, risos; casamento, nem bêbada, risos e risos.

Marinalva provocou a amiga Sueli: e aquele amiguinho da faculdade, ainda estão se falando?

Sueli, meio sem jeito: Roberto foi diferente; simples atração física de ambos; não se transformou em amor; simplesmente uma paixão e nada mais que isso; quando percebi que ele estava abusando e querendo se aproveitar da situação, dei um corte na relação; fiz ele entender que estava fora do jogo; me ligou algumas vezes; eu lhe disse: procure sua noivinha, meu queridinho; a fila andou, risos. Ele insistiu; então eu peguei pesado: te usei o necessário; enjoiei, cara; não tenho mais interesse nenhum em você; se quer uma prostituta, vá à zona e seja feliz; por favor, não me ligue mais.

Marinalva sorriu: está respondida à questão; você não somente o despachou; você deu foi um chute no traseiro dele com classe, risos e risos. Depois dessa, esse Roberto vai pensar duas vezes para pular a cerca.

Ele até me excluiu da rede social, disse Sueli.

O tempo é implacável; a barriga de Maristela está enorme; a gravidez completou seu oitavo mês de gestação. A vida também se transformou para Marinalva; seu noivado implodiu, e atualmente ela só está ficando.

Eu me modernizei, como ela mesma diz; e Sueli adiantou o relógio e, simultaneamente, o calendário de vida; juntou-se com um músico e agora também curte a boemia; o ciúme saltou da caixa de sentimentos e mudou sua forma de visualizar as emoções mais sensíveis.

O vento continua soprando vida; Marinalva gostou da onda de ficar e entrou na onda; está

surfando sem compromisso. Marinalva passou em um concurso da Receita Federal; agora é fiscal da Receita Federal; passou a ganhar dez vezes mais que seu salário na empresa, fora os benefícios; se separou do marido, e a sua vida, das crianças e de seus pais mudou para o paraíso. Sueli continua sua vida amigável; acertou onde jogar o seu amor.

As amigas ainda se veem e trocam as mesmas figurinhas do passado, porém com uma diferença: a maioria das figurinhas agora são carimbadas.

Conto 10 - Dor de Barriga Suspeita

Nas décadas de 70 e 80 as escolas zelavam pelos bailes de formatura, as comissões de alunos se dedicavam ao máximo para contratar as melhores bandas e os melhores serviços de buffet. Os formandos obrigatoriamente deveriam se apresentar com roupas sociais, as mulheres com vestidos e os homens de terno e gravata, caso contrário não teriam acesso à entrada do evento. Geralmente os rapazes já estavam enturmados, mesmo sendo proibido, levavam bebidas, tipo whisky, campari, martini, batidas de diversos sabores e vodka etc. Considerando que era proibido o acesso de bebidas e que as bolsas das mulheres não eram revistadas, elas conduziam as bebidas em suas bolsas. Camilo, Lucas, Rodrigo e Jorge, da mesma classe, formavam uma turma bem animada,

juntamente com as mulheres Meire, Neusa, Alice, Vanusa, Flávia, Cristina, Carmem e outras que agitavam a galera.

A carona para ir ao baile era garantida, agora para voltar era incerto, era preciso dar um jeito. Os rapazes poderiam arrumar uma companhia no baile e naturalmente poderiam querer ficar a sós na hora de ir embora.

Geralmente os bailes eram animados e a turma também. Para a banda não tinha intervalo e agitava a galera. Próximo do fim do baile as mangas das camisas já estavam arregaçadas e as gravatas afrouxadas. A banda anuncia as últimas canções, os caçadores de donzelas se arrumam e quem já tem seu par faz suas carícias.

Camilo e Rodrigo se acertaram com Flávia e Meire respectivamente. Lucas não se acertou com ninguém e resolveu dar carona para os rapazes e moças que não tinham com quem ir

para casa. O relógio marca pouco mais de 4:00 horas da manhã e neste horário os ônibus ainda não estavam circulando. Algumas famílias presentes foram de táxi, embora fosse difícil conseguir um táxi naquele horário.

Camilo se sentou no banco do motorista e ligou o carro parecendo estar com pressa. Em seguida entrou Rodrigo e Meire e se sentaram no banco traseiro, depois, ao lado de Camilo, sentou-se Flávia. Antes de sair, aqueles beijinhos tradicionais, e Meire ofereceu um gole de vodka com campari e todos aceitaram, então ela preparou duas doses bem caprichadas em copos descartáveis. Eles ficaram por ali por algum tempo, fumaram seus cigarros e seguiram para o lugar combinado. Rodaram por um certo tempo e Camilo disse: A vodka com campari não me caiu bem, falou sorrindo, preciso ir a um

banheiro urgente, minha barriga está se remexendo!

Sério mesmo? disse Flávia.

É sério Flávia, melhor seria se não fosse verdade.

Antes de um semáforo tinha uma pequena praça não muito iluminada e bem íngreme. Camilo parou o carro e disse: é aqui mesmo. Ele ligou o pisca-alerta e saiu em disparada praça adentro sob os risos de Rodrigo, Meire e Flávia.

Algum tempo depois uma viatura da Polícia Militar parou atrás do carro com aqueles faroletes potentes. Dois policiais desceram da viatura com suas armas em punho dizendo: Desçam devagar com as mãos para cima, não façam nenhum movimento brusco. Rodrigo falou baixinho: eu vou descer primeiro, e assim se fez. Agora deitem-se no chão. Os

policiais se aproximaram devagar, fizeram respeitosamente a revista nas meninas, em seguida todos foram convidados a ficar de pé, entregaram os documentos e constatou-se que nada constava em seus históricos criminais.

Rodrigo relatou o ocorrido. Três policiais desceram praça abaixo com suas armas em punho e o farolete gigante.

Assim que viram Camilo disseram: Mãos para cima.

Camilo respondeu: não posso, se eu levantar as mãos vou cair sentado.

Você está armado?

Não senhor, eu já vou me limpar, esperem um pouco por favor.

Vai se limpar com quê, se você não tem papel?

Vou me limpar com a meia, senhor, é o que me resta.

O policial não aguentou o cenário, deu risada e disse:

Que situação, então vai rápido, rapaz.

Sim, senhor.

Qual é o seu nome?

Camilo Junqueira Costa, senhor.

Muito bem, Sr. Camilo, agora levante as mãos e dê cinco passos à frente e deite-se no chão.

Sim, senhor.

Camilo foi revistado e subiram as escadarias íngremes para identificação dos documentos do carro.

O sargento agradeceu a colaboração e disseram que todos deram sorte por ser a

polícia, se fossem bandidos a história seria outra. Boa noite.

Camilo gentilmente estendeu a mão direita para agradecer o sargento, o policial não lhe estendeu a mão, simplesmente disse: suas mãos estão sujas, acabou de se limpar e quer que eu pegue em suas mãos, boa noite rapaz e lave as mãos.

Rodrigo, Meire e Flávia não se contiveram e caíram na gargalhada acompanhados pelos policiais militares.

Camilo lavou as mãos com vodka e o programa dos casais foi revisto e deixado para outro dia. Resolveram fechar a noite em um barzinho no Ibirapuera, de preferência com banheiro.

Conto 11 - Profissão Tradutora

Naquele ano Carlitos completou 15 anos. Seu primeiro emprego foi office-boy. Não conhecia quase nada da cidade de São Paulo, mas para ganhar a vaga do trabalho mentiu ao dizer que conhecia muito bem a cidade.

Seu primeiro trabalho ele não esquece jamais: foi entregar um envelope na Rua Casper Líbero em nome de uma japonesa, Izaura Handa. Carlitos subiu pelo elevador até o 6º andar, no apartamento 66, tocou a campainha e ela própria abriu a porta. Ele se assustou com o que viu, uma japonesa com idade de mais ou menos 25 anos, bonita e sensual, completamente nua.

Ele ficou sem saber o que fazer, então ela se antecipou e disse: Pois não, lindo, é correspondência para Izaura?

E, gaguejando, Carlitos respondeu: sim, senhora.

Entre, querido, e fique à vontade.

Carlitos se sentou em um sofá grande em sua sala de estar e ela sentou-se ao lado.

Qual é o seu nome?

Carlitos.

Quantos anos tem?

15 anos, vou fazer 16 somente no ano que vem.

Que gracinha você é, eu gosto assim, garoto novinho.

Ela abraçou Carlitos e lhe beijou, depois fez sexo com ele e lhe deu alguns cruzeiros. Em seguida ela assinou o protocolo, lhe beijou carinhosamente e se despediu.

Após o almoço os office-boys se reuniam na Praça da Liberdade ou no final da tarde para contar histórias e alguns conheciam a japonesa Izaura. Alguns deles lhe visitavam mesmo não tendo trabalho nenhum para entregar.

Carlitos descobriu que o trabalho de Izaura era tradutora do idioma japonês para o português e vice-versa. A Rua Casper Líbero ficou marcada na vida de Carlitos.

Conto 12 - Beleza não se põe na mesa

Os carnavais de salão da minha época eram divertidos, animados e a cidade de São Paulo oferecia boas alternativas para pular o carnaval. Tinha os salões dos clubes de futebol tradicionais São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Juventus, além daqueles clubes sociais como o Clube de Regatas Tietê, o Clube Pinheiros, Sírio-Libanês, de um padrão social mais elitizado. É claro que existiam outros clubes mais populares na capital e também no litoral.

No ano de 1978 Amarildo, Sidney e Milton resolveram brincar o carnaval no Ilha Porchat Club e, para se instalar, iam usar o pequeno apartamento da família de Amarildo em São Vicente. Todos os convidados estudavam na mesma faculdade. De última hora agregaram mais um amigo especial no passeio, era Bruno. Além de ser seu último carnaval como solteiro,

era um dos poucos carnavais de sua vida, porque nos seus 9 anos de namoro com Cristina ele nunca foi em um salão para brincar carnaval. Então naquele ano Bruno ganhou a alforria de 4 dias da noiva para pular o carnaval logo no chique Ilha Porchat Club.

O destaque da mesa com certeza seria Bruno, 24 anos, 1,85 de altura, olhos verdes, cabelos loiros, muito simpático e tímido. Ele foi eleito por 3 anos consecutivos o aluno mais bonito da faculdade. Bruno era motivo de brincadeiras. Tê-lo por perto em festas com certeza era mulher na rede e, além disso, o Ilha Porchat Club era novidade para todos, sabiam que o público era bem selecionado. A turma gostava de whisky e cerveja, sabiam que o bonitão Bruno era fraco para bebidas.

Chegou o dia. O apartamento ficava a 4 quadras do clube, muito próximo. Todos de chinelos, bermudas e camisetas regatas. O

início do baile estava previsto para as 22:00 horas e o término às 4:30 horas. A turma chegou em um horário bom, 21:00 horas. Eles aguardavam bebendo cerveja em copos descartáveis, inclusive Bruno, que já demonstrava ser o destaque no plantão de espera.

Uma garota bronzeada e fantasiada se aproximou de Bruno e perguntou: Qual é o número da mesa de vocês?

Nenhum deles tinha se atentado para o número da mesa. Amarildo abriu o envelope e disse: mesa 42.

A morena bronzeada sorriu para Bruno e disse: ótimo, a minha mesa é bem próxima de vocês e eu não quero perder você de vista, meu nome é Talita, não se esqueça.

Qual é mesmo seu nome, gatão?

Bruno.

Ela lhe beijou no rosto: tchau, Bruno.

Amarildo comemorou: elas são muitas, vai sobrar mulher para todo mundo.

As portas se abriram e a turma assumiu a mesa nº 42. O ambiente estava animado e a banda era muito boa e criativa. Tocavam marchinhas variadas: Mamãe eu quero mamar, Ô abre alas que eu quero passar, Se você pensa que cachaça é água, cachaça não é água não, O cravo brigou com a rosa, Ei você aí me dá um dinheiro aí, e muitas outras. A turma entrava na brincadeira do trenzinho e vai por aí afora.

Bruno era muito assediado, até que uma garota bem gordinha lhe acompanhou até a mesa e se puseram a conversar. Seu nome era Carolina, muito bom papo e inteligente. Ela dominou Bruno com a sua versatilidade e simpatia. O bonito foi atraído de forma

singela pela gordinha e passaram a dançar em volta da mesa e a beber no mesmo copo.

Enquanto Carolina foi ao banheiro, Amarildo se aproximou de Bruno e disse: Bruno, não me leve a mal, mas você é bonitão, merece uma garota mais bonita e mais charmosa. Carolina retornou à mesa, serviu o copo de whisky com água de coco para Bruno e os dois continuaram a beber no mesmo copo, dançando abraçados, até que rolou aquele beijo. O casal chamou atenção das pessoas mais próximas da mesa nº 42.

Na realidade Bruno já estava bem alegre com a bebida e, como diz a gíria popular, chamando urubu de meu louro. As garotas até se aproximavam, algumas mais atrevidas até roubavam um beijo e uma voltinha de dança, nada mais que isso. Bruno estava interessado mesmo era na gordinha.

Fim de baile, cada um da turma estava acompanhado. Bruno e Carol eram motivo de chacota: A gorda e o príncipe, O casal 200, mas Bruno e Carol estavam contentes e alegres. Ainda sobrou uma garrafinha cheia de whisky com água de coco. Abraçados, eles cantavam a marchinha com a letra trocada: Ei você aí me dá um beijo aqui, não vai dar não, você vai ver que grande confusão. Eles paravam pelo caminho e se beijavam romanticamente sob as risadas da galera, em seguida um gole para molhar a garganta. Chegou o momento esperado, todos na praia.

Amarildo chamou: Bruno, nós vamos ficar aqui, fique com a gente.

Não, quero ficar distante de vocês.

O casal caminhou mais alguns minutos e se deitou na areia. Entre beijos e abraços e um gole aqui, outro ali, o casal dormiu. Amarildo e os outros rapazes os viram, mas concluíram:

ele sabe o caminho e, outra coisa, estão dormindo como anjos.

O sol raiou cedo. A moça gordinha de fio dental, fantasiada com girassóis, e o galã loiro de olhos verdes dormiam serenamente sob os olhares curiosos dos vizinhos de guarda-sol. A pele clara do casal começava a dar sinais de vermelhidão e os comentários sobre as desigualdades de performance chamavam atenção, risos daqui e outros risos dali.

O tempo passou e Bruno despertou perdido e assustado com o rosto e o peitoral vermelhos. Ele se espreguiça e observa a beldade ao seu lado. Não se sabe o que passou pela sua cabeça, no entanto educadamente ele lhe chama: querida Carol, acorda, tudo bem com você? Aceita um suco?

Comigo tudo bem, Bruno, eu prefiro uma água, assim eu aproveito e lavo o rosto também.

Me aguarde, vou buscar.

Distante alguns metros, Bruno observa Carol e sorri, mas não esboça nenhum comentário. Ele retorna, se senta ao seu lado e lhe serve. Eles sorriem dos comentários da primeira noite de carnaval. Carol lhe mostra o prédio onde mora, fica de frente para a praia.

Eu estou no quarto quarteirão da praia, disse Bruno, também é bem próximo do clube e da praia.

As atenções na praia estavam voltadas para o casal. Percebendo algum movimento no entorno do prédio onde mora, Carol diz: Vamos indo, querido, precisamos dormir para suportar a segunda noite de carnaval.

Ela se estica até as pontas dos pés e beija Bruno na boca. Ele corresponde ao beijo sob os olhares aflitos dos observadores. Por causa da obesidade Carol tem dificuldade em se

levantar e Bruno lhe estende as mãos, lhe abraça e caminham rumo ao calçadão, bem em frente ao prédio onde mora.

Ela lhe beija novamente e diz: Podemos passar a segunda noite de carnaval juntos na mesa nº 42?

Hoje vai ser difícil, querida, minha namorada chega hoje e com certeza ela vai querer ficar comigo.

Somos amigos, me passa seu telefone. Ela anota seu telefone em uma banca de jornal próxima e contrariada lhe diz: tchau.

Assim que Carol entrou no prédio, uma garota simpática me chamou: ei você, qual seu nome?

Bruno.

Aquela gorda ridícula mora no mesmo prédio que eu, ela é sua namorada?

Bruno não disse que sim nem que não, simplesmente questionou: Qual o problema?

Sei lá cara, na minha opinião você merece uma mulher mais bonita.

Tenho minhas dúvidas respondeu Bruno, afinal beleza não se põe na mesa.

Conto 13 - A Pensão da Portuguesa Dona Cinira

Naqueles anos da década de 70 era comum os recém-chegados em São Paulo morarem em pensões. Elas não eram mistas, só de homens ou só de mulheres.

A pensão da portuguesa Dona Cinira ficava no Brás. A turma dizia: portuguesa brava que só a peste, mas tinha bom coração, sempre ajudava naquilo que podia.

Seu marido, Sr. Alfredo, também português, tinha uma paciência de Jó. Tinham um casal de filhos, Fátima e Joaquim, que geralmente os visitavam nos fins de semana.

Dona Cinira e Sr. Alfredo moravam na casa grande térrea da frente do terreno. Tinha 4 dormitórios e uma garagem para 5 carros. A entrada da pensão era por um corredor lateral

que cabia 6 carros. Nos fundos, um grande galpão de 8 x 7 m² onde instalou-se a pensão. As divisórias de área se faziam com os guarda-roupas, pelos beliches e tapumes. Cada turma ou companheiros que estavam juntos tinham seu fogão de 4 ou 2 bocas. Cada turma tinha suas panelas e talheres de cozinha, assim como os mantimentos em geral que ficavam embaixo das camas alojados em caixotes de madeira.

Os banheiros e chuveiros eram coletivos e ficavam nos fundos do galpão, ao todo eram 22 unidades. A lavanderia também era instalada nos fundos com 22 tanques de cimento. O grande problema da pensão era a área para secar as roupas. A área disponível na entrada do galpão era pequena, eles usavam os varais coletivos instalados no corredor de entrada. O contingente da pensão era de 84

peças, bem confortáveis, conforme dizia Dona Cinira.

Seu filho era engenheiro. Sua grande preocupação na pensão era a instalação elétrica e os fogões a gás. A cada visita à casa da mãe lhe tomava algumas horas verificando as mangueiras, bocas e fornos dos fogões e, na parte elétrica, as costumeiras gambiarras.

Para administrar os conflitos Dona Cinira contava com o baiano Zelão, açougueiro de um supermercado próximo, aparentemente tranquilo e calmo, mas seu porte físico inibia qualquer valente. A maioria dos atritos era pelo desaparecimento de roupas, furto de gêneros alimentícios, aparelhos de som e televisão com o som alto e embriaguez. Zelão realizava reuniões e estabelecia regras que dias depois eram desrespeitadas ou esquecidas. Aplicar multas resolvia parte da questão.

A maioria dos pensionistas era de motoristas e cobradores de ônibus, com horários e turnos diferentes. Quando tem gente chegando tem gente saindo, quando tem gente fazendo o almoço tem gente tomando café, quando tem gente acordando tem gente se deitando para dormir. É muita gente, e isso é de domingo a domingo, porque o trabalho de cobradores e motoristas é constante, mas tem a turma unida que alegra o ambiente.

A turma do Zelão é uma delas. O pessoal é divertido: Mauro da sanfona, Benedito da viola, Valdir do triângulo, Miguel do zabumba, Toninho baiano, Toninho pernambucano, o Preto do coco, o Pé Rachado, o Frangão e outros pensionistas divertidos, no entanto não são muito sociáveis. Zelão e Luisão de vez em quando promovem um churrasco para confraternizar o aniversário dos

aniversariantes do mês, com muita cerveja, cachaça e refrigerantes.

Nos finais de ano a turma se diverte. Em uma das comemorações de fim de ano, um dos pensionistas ganhou alguns garrafões de vinho, aproveitaram e fizeram aquela festa. Deu ruim, teve gente vomitando pela noite inteira, exageraram no vinho. Foi o caso de Miguel do zabumba, Toninho baiano, Frangão e Anacleto. Não se podia falar em vinho para eles, quase morreram de intoxicação com o vinho sangue de boi. A turma ainda brinca com eles: olha o boi, cuidado com o boi, olha o boi, muuu, muuu.

Outra data que deu ruim foi quando Zelão ganhou dois sacos grandes de jaboticabas. Para limpar e refrescar a fruta ele colocou em 5 latas de 20 litros e a turma pegou firme, chupando jaboticaba com vontade e caroço. Alguns caboclos se deliciavam, elas eram

grandes e doces. Alguns deles estavam de folga, ainda jantaram e foram dormir. Mauro Santana começou a gemer com dor abdominal e cólicas. Valdir do triângulo, Preto do côco, Pé Rachado, Gil Galego e Gaúcho começaram com os mesmos sintomas, cólicas e gemidos, ai, ai, ai. Zelão se pôs a fazer chá, chá disso, chá daquilo e nada de melhorar. Luisão disse que os caboclos estavam entupidos de caroço de jaboticaba, nunca viram jaboticaba não, cabra da peste.

Os gemidos e cólicas persistiam, ai, ai, ai. As reclamações dos outros moradores começaram: quero dormir, trabalhei o dia inteiro, estou cansado, bebe mais cachaça, desgraçado.

Luisão chamou por Zelão e disse: acho melhor levar esses cabras no hospital, no meu carro cabem quatro, quem mais tem carro?

Zelão respondeu: o Patão tem uma kombi da empresa.

Zelão conversou com Patão e ele concordou em levá-los para o hospital.

E assim puseram-se a se arrumar e seguiram para o Hospital São Paulo. Ao chegar no hospital os enfermeiros fizeram um comboio de macas transitando pelos corredores. A ordem dos médicos foi realizar lavagem em todos eles e depois tomar soro para neutralizar as dores das cólicas. O relógio marcava 4:00 horas da manhã. Patão precisava ir para a empresa e levar a kombi, ele tinha horário para buscar os engenheiros. Zelão entendeu e concordou. Ele ficou sozinho no hospital aguardando a liberação da turma que ocorreu às 6:30 horas. Quem não voltou com Luisão tomou um táxi.

Ao chegar na pensão todos os pacientes foram dormir. Luisão foi conversar com Dona Cinira

sobre o ocorrido e aproveitou e tomou seu café da manhã reforçado junto com Dona Cinira e Sr. Alfredo. Eles agradeceram a Luisão pela ajuda e disseram que iam acompanhar o dia da turma das jaboticabas.

Lá pelas 11:00 Dona Cinira entrou no galpão da pensão e disse em alta voz: quem é da turma das jaboticabas? Ou melhor, quem é da turma dos entupidos? Todos os presentes riram muito da situação. Ela complementou: desgraçados de cabras, nunca chuparam jaboticabas na vida? Se precisarem de alguma coisa é só chamar pela campainha.

A gozação foi grande, foi não, ainda é. Todos negam ser da turma das jaboticabas.

Na tarde de um sábado alguns pensionistas fizeram um churrasquinho de espeto para poucos. Tudo estava indo bem até que alguém gritou: este churrasco é da turma do bico no fio ó fó? A brincadeira não agradou alguns.

Toninho baiano se desentendeu com Anacleto, Gaúcho feriu Caju com um espeto de churrasco e a confusão saiu de controle.

Luisão não estava presente e Zelão não conseguiu controlar a situação. Gaúcho tinha bebido umas a mais e também feriu Pé Vermelho no braço com um espeto. Alguém chutou a churrasqueira, aí a confusão se generalizou e Zelão foi até a casa de Dona Cinira pedir para chamar a polícia. Ela não queria, mas acabou se convencendo. Dona Cinira e Sr. Alfredo ficaram tristes com o ocorrido, afinal de contas cinco pessoas foram levadas para a delegacia por desacato à autoridade.

Em função do ocorrido, ficou proibida a realização de churrasco no interior da pensão. Quem gostou da medida foi Silveira, dono do bar vizinho da pensão. Depois de toda a

confusão ninguém mais tocou no assunto de lavagem intestinal e sequer de bico no fio ó fó.

O cotidiano daquela pensão era de doer a alma. Pedia-se emprestado quase tudo: agulhas, arroz, óleo, carne seca, sabão e outras coisas. Misturava-se tudo, desde roupas no varal até aroma de culinária. Não era permitida a permanência de mulheres e bichos de estimação, mas de vez em quando aparecia alguém com um cachorrinho novo, dizendo que seria somente por alguns dias. Claro que todos se comoviam com o bichinho e abria-se exceção por alguns dias.

Certo dia, no final da tarde de um sábado chuvoso, Zelão chegou do trabalho em sua lambreta vermelha e encostou no bar do Silveira para beber uma cerveja e sua cachaça. Ao lado dos sacos de carvão encontrava-se encolhido um cachorro de tamanho médio, de patas grandes e todo preto, aparentando ter

no máximo um ano de idade. O coitado estava com sarna, suas orelhas estavam inchadas e seu lombo sangrava. Zelão comia torresmo e foi dividindo com ele. O bicho simpatizou-se com Zelão e seu olhar de sofrimento o comoveu. Como chovia muito e o posto de gasolina era próximo, Zelão resolveu ir a pé e o cachorro lhe acompanhou. Ele comprou óleo queimado para tratar de suas feridas. Silveira lhe arrumou uma caixa grande de papelão, não precisou chamar, ele veio naturalmente.

Zelão e o cachorro entraram tranquilamente e ele se alojou debaixo da escada, local onde se fazia churrasco. Como alicerce contra a friagem Zelão colocou por baixo da caixa alguns tijolos. Para melhorar o ambiente ele pôs um pote de água e outro com arroz misturado com carne seca picada. Para aquecê-lo, um cobertor velho usado. Antes de se deitar na nova casa, um banho de óleo

queimado passado com um pincel. O amigo cachorro ficou quieto e suportou a dor, porque o óleo queimado em feridas da sarna arde, mas por outro lado não coça.

No dia seguinte o pessoal disse: mas que cachorro feio da Bixiga, onde você arrumou, Zelão? Ele sorriu: o cachorro é meu e exijo respeito com ele. Todos sabiam que Zelão tinha cacife político para manter aquele cachorro na pensão.

No dia seguinte, antes de sair para o trabalho, Zelão orientou os demais a alimentar o cachorro amigo com seu arroz e carne picada deixados no pote no forno do fogão e não esquecer de manter o portão fechado. Antes de sair Zelão fez um carinho no amigo. O amigo abriu os olhos e saudou o amigo com o balançar do rabo e voltou a dormir.

Com o passar dos dias o cão se modificou. O óleo queimado, os banhos com sabão

veterinário, os vermífugos, as vitaminas e tudo isso aliado aos banhos de sol modificaram o cachorro. Seu pelo cresceu e seu olhar estava vistoso. Zelão o batizou de Bixiga e assim ele se identificou.

Dona Cinira também passou a gostar do bicho. Todos os dias ela preparava chá de camomila e cuidava das suas feridas com o óleo queimado. As feridas cicatrizaram e Dona Cinira passava em seu corpo polpa de abacate para amaciar seu couro.

A cada dia Bixiga estava mais revigorado. A participação de todos os pensionistas em uma vaquinha resultou na compra de ração. Zelão trazia carne moída e cozinhava para ele e, para fortalecê-lo, misturava com as vitaminas. O pelo de Bixiga começou a crescer e o seu porte físico se revigorou. O vira-lata mudou de fisionomia, seu pelo ficou liso e vistoso e até ganhou uma casinha nova de madeira

comprada por Dona Cinira, uma coleira com sua identificação e até roupas para o frio. Banho semanal somente com sabão veterinário e shampoo antipulgas.

As patas de Bixiga já indicavam que ele era descendente de cachorro de grande porte. O bicho cresceu rápido, mas independente de seu porte ele era um cachorro dócil. Bixiga virou o xodó da pensão. Falava-se que Bixiga uniu os pensionistas e trouxe a paz. Praticamente todos os pensionistas cuidavam de Bixiga, seja com o banho ou alimentação. Zelão controlava as datas, dias de banho e horários de comida, caso contrário a cada momento um queria dar comida para o amado cachorro. Quanto aos passeios, poucos eram autorizados a sair com Bixiga.

No entanto, por ciúmes e excesso de amor, Bixiga gerou um certo mal-estar com os pensionistas. Dona Cinira assumiu o controle

da vida do cachorro, pois Zelão trabalhava praticamente de domingo a domingo no supermercado, tinha somente uma folga por semana e ele também se ausentava para passear com a namorada. Dona Cinira dizia que Bixiga já fazia parte de sua família, porém Zelão era autoridade máxima para Bixiga, somente uma palavra era suficiente para obedecer. Mesmo com aquelas patas grandes e a enorme cabeça, Zelão o levava para dormir junto aos seus pés ou em um colchão pequeno ao lado de sua cama.

Dona Cinira sempre levava Bixiga junto em suas compras e o amarrava do lado de fora. Embora todos já o conhecessem, o seu porte físico inibia e protegia Dona Cinira de qualquer perigo. Zelão se informou sobre a sua descendência e o veterinário confirmou que ele se tratava de um buldogue inglês preto, pois ele era preto homogêneo. O veterinário

não soube explicar como um cachorro de uma raça tão nobre foi cruzar com uma cachorra sem raça definida, popularmente conhecida como vira-lata. E mesmo assim não se explica como um cachorro deste nível foi parar na rua desamparado.

Se contaminou com sarna, com risco de morrer por causa da doença ou por atropelamento.

Certo dia, era folga de Zelão e ele estava tomando sol, ao seu lado Bixiga, que havia tomado seu banho.

O carteiro chegou e se aproximou do cachorro, fez um carinho em sua cabeça e o elogiou: tão bonito e ainda educado, este cachorro é seu, Zelão?

Sim, é meu, encontrei ainda filhote na rua, possuído pela sarna.

Dona Cinira, que regava as plantas, interveio na conversa: opa, Zelão, o cachorro é meu, fui eu quem cuidou dele desde pequeno e te digo mais, tudo aconteceu dentro da minha propriedade.

Não, Dona Cinira, a senhora está enganada, devolveu Zelão.

Por coincidência estava chegando o Sr. Hélio, mais conhecido como aposentado, e Zelão expôs ao Sr. Hélio a questão: para o senhor, quem é o dono deste cachorro?

Pelo que a maioria diz é que Bixiga não tem dono definido, ele pertence à família da pensão, ou melhor, eu entendo que o dono do cachorro é a pensão.

O carteiro sorriu e disse: bom, com três donos o cachorro não vai ficar sem cuidados, até amanhã.

Mas, Dona Cinira, pelo que eu estou entendendo a senhora está brincando comigo, todos sabem que quem trouxe o cachorro fui eu.

Tudo bem, Zelão, mas você o trouxe para minha casa, ele passou mais tempo em minha casa, Sr. Zelão, todos da pensão são testemunhas disso.

Todos não, disse o Sr. Hélio, o aposentado, o cachorro pertence à pensão, somos a maioria e nessa questão não tenho nenhuma dúvida, o cachorro Bixiga pertence à pensão.

Vocês só podem estar de brincadeira comigo, disse Zelão.

O assunto amadureceu e o que parecia uma brincadeira virou um assunto sério. A partir daquele dia Dona Cinira passou a reter mais o cachorro em sua casa e, quando Zelão queria passear com o bicho, tinha que buscá-lo na

casa de Dona Cinira e da mesma forma a maioria da pensão, assim a questão tomou outros rumos e os relacionamentos que até então eram cordiais passaram a ser hostis.

O Sr. Alfredo e os filhos Joaquim e Fátima entraram na questão. Dra. Fátima, que era advogada, entrou na questão com uma visão judicial. Pronto, estava formada uma demanda judicial.

Zelão, com receio de perder a guarda do cachorro Bixiga, se mudou na calada da noite e foi morar com a namorada e levou consigo seu amigão Bixiga.

No dia seguinte o Sr. Hélio, o aposentado, se juntou a Patão, lotaram a kombi de pensionistas e foram até a casa onde estava morando Zelão para resgatar Bixiga. Não encontraram Zelão, ele estava trabalhando, porém sua namorada e seus pais reagiram à invasão e chamaram a polícia. Depois de muita

discussão e confusão todos foram encaminhados para a delegacia, inclusive o nobre Bixiga.

Zelão foi convocado a comparecer no Distrito Policial para se defender da acusação de furto do cachorro Bixiga, assim como Dona Cinira foi citada no processo. Ela também foi convocada a comparecer no distrito e se apresentou com sua advogada e filha Dra. Fátima. Todas as partes foram ouvidas e um inquérito foi instaurado. Acabou sobrando para o amado Bixiga, ele foi encaminhado para o departamento de proteção dos animais, sob protestos daqueles intitulados tutores do bicho.

Dona Cinira e o Sr. Hélio, o aposentado, se uniram na causa representando a pensão.

Chegou o dia da audiência. Todas as partes estavam representadas por seus advogados. Após ouvidas as partes o Exmo. Juiz definiu

que o cachorro Bixiga deveria ficar sob a guarda e cuidados por uma semana na casa de cada pretendente a tutor, em local seguro e em condições confortáveis. Quando uma das partes não estivesse disponível, passaria os direitos para o próximo tutor e assim sucessivamente. Após as discórdias, Zelão voltou a morar na pensão e assim Bixiga retornou ao seu lar e doce lar. Em boa parte do dia ficava na pensão, outras horas na casa de Dona Cinira e, quando possível, passeando com Zelão e à noite deitado confortavelmente no colchão ao lado do amigão Zelão.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus por viver e conviver estes felizes momentos em minha vida.

Lembrando que sem a participação de meus queridos pais João Batista Pereira, in memoriam, e de minha mãe Izaltina Cândida Pereira, in memoriam, não seria possível participar direta ou indiretamente de todos estes momentos maravilhosos.

Agradeço a toda minha família por estar sempre ao meu lado.

Contato

Se esta obra de alguma forma tocou você, sua participação é muito importante para mim.

Avaliação do livro

Convido você a deixar sua avaliação por meio do formulário disponível no link abaixo.

Sua opinião contribui diretamente para o aprimoramento de obras futuras.

 <https://forms.gle/76QA7c2kpLSZv9qj6>

Críticas e comentários

Críticas, sugestões e impressões podem ser enviadas diretamente para o e-mail:

 josemduarteperreira@gmail.com

Contribuição espontânea

Caso você tenha apreciado esta leitura e deseje apoiar o trabalho do autor, é possível realizar uma contribuição espontânea, no valor que considerar justo, via PIX:

PIX – José Maria Duarte Pereira

CPF: 872.686.718-49

Banco Itaú S/A: – 341

Agência: 935-7

Conta Corrente: 42.066-1

 **Atendemos solicitações de livros impressos e encadernados.**

Fale comigo. Aguardo seu contato

 **josemduartepereira@gmail.com**

 Facebook:

<https://www.facebook.com/profile.php?id=61581142443443>

Agradeço profundamente por dedicar seu tempo a esta leitura.

O simples ato de ler já é, por si só, uma forma valiosa de apoio.

Se esta obra lhe trouxe reflexão, emoção ou companhia em algum momento, saiba que isso dá sentido a todo o caminho percorrido para escrevê-la.

Meu sincero obrigado.